

7. *Bomba, kanga, makamba* e outros africanismos lexicais no papiamentu: comparações com o português do Brasil e o espanhol uruguaio

Thomas Johnen

Universidade de Estocolmo, Suécia

Um dos objetivos mais amplos do projeto *Afro-Latin Linguistics*¹ é contribuir para o mapeamento dos africanismos lexicais nas línguas das Américas². Nesta perspectiva, interessa comparar os africanismos de dois territórios que possuem um elo histórico e lingüístico com o Brasil, e que receberam também em momentos históricos diferentes escravos oriundos do Brasil (para Curaçao ver Goodman 1987: 369 e Bartens 1995: 246; para Uruguai ver Coll 2010: 30-32, com mais referências bibliográficas).

A ilha de Curaçao situada no Caribe ao norte da Venezuela (Figura 1) pode ser considerada como o berço do papiamentu, que é uma língua crioula de base lexical ibero-românica (segundo Lenz 1928: 210; Maduro 1953: 134 e Bartens 1995: 264, mais de 65 % do vocabulário é de origem espanhola e portuguesa). No momento histórico atual é a única língua crioula de base lexical ibero-românica que possui um estatuto oficial, embora as ilhas onde se fala papiamentu não sejam independentes (Aruba e Curaçao são estados do Reino dos Países Baixos, Bonaire possui o estatuto de um município especial no Estado de Países Baixos).

¹ Agradeço a STINT pelo apoio financeiro ao projeto Afro-Latin Linguistics que possibilitou os encontros do grupo dos pesquisadores associados e a Tânia Alkmim, Laura Álvarez López, Juanito Avelar, Virginia Bertolotti, Lilian Borba, Magdalena Coll e Amparo Fernández Guerra pelas discussões frutíferas.

² Outras iniciativas neste sentido são Parkvall (no prelo) e, limitado aos bantuísmos, Castro (2008).



Figura 1 Situação geográfica de Curaçao³.

	Estatuto no Reino dos Países Baixos	População	Porcentagem de falantes de papiamentu	Estatuto do papiamentu / ensino
Aruba	Estado (Land)	100 000	66,30 %	Co-oficial / ensino
Curaçao	Estado (Land)	140 000	81 %	Co-oficial / ensino
Bonaire	Município Especial no Estado de Países Baixos	15 000	75 %	Co-oficial/ ensino
Países Baixos	Estado (Land)	16 500 000	1 %	Até 2004: Ensino básico e médio para filhos de falantes de papiamentu

Tabela 1 Falantes do papiamentu segundo território (porcentagens segundo Vedder e Kook 2001: 71-75).

O elo de Curaçao – ilha adquirida em 1634 dos espanhóis (que a ocuparam desde 1499) pela Companhia das Índias Ocidentais neerlandesa – com o Brasil não se deve (como no caso do Uruguai) a uma história conjunta de dois territórios vizinhos, mas ao fato de que a partir de 1656 houve uma imigração a Curaçao de judeus portugueses que fugiram do Nordeste do Brasil em parte via Cayena e Paramaribo (ver Serebrenick 1964: 299; Vink 2010: 24-26) depois que os portugueses reconquistaram os territórios brasileiros antes controlados pela Companhia das Índias Ocidentais (ver Mello 2010). Juntamente com os judeus portugueses chegaram a Curaçao também escravos africanos oriundos do Brasil. Bartens (1995: 246) ressalta que até 1674 apenas os judeus portugueses tinham a autorização de ter escravos. Uma prova lingüística do elo entre Curaçao e o Brasil é apresentada por van Putte

³<http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Curacao_in_its_region.svg&filetimestamp=20110606223828 (31/03/2012)>

(2003) ao comparar a rima infantil brasileira Dedo mindinho com a versão em papiamentu Dede pikiña que mantém até os elementos portugueses que não são compreensíveis por um falante de papiamentu. Além disso, a presença do tupinismo papiamentu bakoba “banana comestível no estado cru” (<português pacoba <tupi pa'koua) dificilmente pode ser explicada sem esta ligação (ver Johnen no prelo).

Os escravos foram levados para Curaçao em grande parte das mesmas regiões africanas que os do Brasil, mas em diferentes proporções. Devido ao clima árido, Curaçao não teve grandes plantações de açúcar, porém, tornou-se a partir da segunda metade do século XVII um lugar importante para o tráfico de escravos, pois de Curaçao os escravos cativos pelos neerlandeses eram vendidos às colônias espanholas e demais ilhas do Caribe. Segundo os cálculos de Parkvall (2000: 136) 56 % por cento dos escravos eram da Costa dos Escravos, 36 % eram bantu, 7 % da Costa do Ouro e apenas 1 % de Senegambia, mas houve épocas em que a maioria era bantu e na primeira metade do século XVIII a maior parte era oriunda da Costa do Ouro (Parkvall 2000: 137). Os escravos que permaneceram nas ilhas trabalhavam nas casas (ca. 75 % no ano 1683; Bartens 1995: 246) ou nas plantações (katibu di kunuku) para a produção local de alimentos, cuidando dos animais para produção de carne e leite ou trabalhando nas salinas (particularmente em Bonaire) (Allen 2007: 64-65). Depois da introdução massiva de escravos na segunda metade do século XVII a porcentagem da população não-européia ultrapassou os 80 % (Allen 2007: 66-67; Grant 2008: 94-99). Cumprasse assinalar que não houve quilombos nas três ilhas em questão por falta de esconderijos aptos. Vale mencionar também que, além do papiamentu, que surgiu desta convivência dos africanos escravizados, de neerlandeses e sefardí portugueses, existiu uma língua secreta com elementos africanos que os escravos usaram por muito tempo para a comunicação interna, o gueni (Martinus 1996).



Figura 2 Situação geográfica do Uruguai⁴.

⁴<http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Datei:Uruguay_on_the_globe_%28South_America_centered%29.svg&filetimestamp=20110420150606 (31/03/2012)>



Figura 3 Situação geográfica de Aruba, Curaçao, Bonaire⁵.

Interessa, pois, comparar os africanismos lexicais nas três (variedades de) línguas que estão no foco desta análise, pela ligação histórica com o Brasil e porque as convergências e divergências na presença dos africanismos e na sua evolução semântica são a base para a reconstrução dos elementos determinantes dos processos comunicativos no encontro intercultural forçado entre africanos, europeus e indígenas nas Américas pela deportação e cativação massiva dos primeiros pelos segundos.

Neste artigo concentrar-nos-emos numa análise mais detalhada dos africanismos lexicais do papiamentu cognatos dos de uma lista de africanismos que foi estabelecida pelas coordenadoras do projeto *Afro-Latin Linguistics* (ver a “Introdução” deste volume e o Anexo). Completaremos depois esta lista por uma comparação dos etnônimos⁶.

Africanismos no papiamentu: algumas considerações iniciais

Na literatura sobre o papiamentu, é um lugar comum afirmar que a mesma seria a língua crioula com a porcentagem menor de africanismos (cf. Bartens 1995: 264), assim a afirmação de Kramer (1999: 992-993) pode ser considerada representativa para as opiniões sobre a origem do léxico do papiamentu de que dois terços do vocabulário seriam de origem ibero-românica (espanhol e português) e um terço do neerlandês, sendo a porcentagem do léxi-

⁵<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b3/Netherlands_Antilles_before_1986.png (16/12/2011)>

⁶ Do grego *ἔθνος* “raça, nação, tribo” (Bailly 2000: 581) + *ὄνομα* “nome” (Bailly 2000: 1384). O termo etnônimo é usado na lingüística para termos designativos de grupos étnicos. Para a questão dos etnônimos africanos no português do Brasil e do espanhol uruguaio ver também Álvarez López neste volume.

co e das expressões idiomáticas de origem africana mínima, pode ser considerada representativa sobre a origem do léxico desta língua crioula.

Em Johnen (no prelo) apontamos para o fato que todos os estudos que afirmam o número insignificante ou a ausência de africanismos lexicais no papiamentu baseiam-se como Kramer (1999) nos levantamentos de Lenz (1928) e Maduro (1953) que analisaram (por falta de alternativas na época) obras lexicográficas rudimentares que não consideraram campos lexicais da cultura afro-antilhana, por exemplo, na música e na religião, campos lexicais com muitos africanismos no português do Brasil e no espanhol uruguaio. Apontamos em Johnen (no prelo) também para o fato que mesmo nestes levantamentos a porcentagem do vocabulário de origem não europeia (3-4 %) é maior do que a soma da porcentagem dos galicismos e dos anglicismos. O que falta são estudos bem fundamentados e mais abrangentes do que os levantamentos de Lenz (1928) e Maduro (1953). O cruzamento dos dados obtidos com os resultados de pesquisas sobre outras línguas crioulas transatlânticas (Parkvall no prelo) e variedades do português e do espanhol (em vez de repetir ad infinitum os resultados de Lenz 1928 e Maduro 1953) pode contribuir para modificar o quadro, particularmente porque, graças aos dicionários de Putte-de Windt e Putte (2005) e de Joubert (1999), dispomos hoje de obras lexicográficas abrangentes com mais de 30.000 entradas, organizados por autores com formação em lingüística, enquanto Lenz (1928) teve de se apoiar no guia de conversação de Hoyer (1918) com um léxico de menos de 2500 entradas que, além disso, parece ter sido guiado pela preocupação de apresentar o papiamentu como uma “língua de cultura” aspirando ao mesmo prestígio das línguas européias como mostramos em Johnen (no prelo).

Africanismos lexicais no papiamentu: convergências com o português do Brasil e o espanhol uruguaio

A maioria dos africanismos do papiamentu identificados por nós não possui cognatos no português do Brasil, nem no espanhol uruguaio. Se há convergências, trata-se de palavras de origem bantu. Da lista de africanismos do espanhol uruguaio que são compartilhados em grande parte pelo português do Brasil, apenas dez fazem parte do vocabulário do papiamentu⁷:

⁷ Além destes lexemas, há ainda no papiamentu dois lexemas com uma semelhança fonética com os da lista mencionada na introdução deste volume (cf. Anexo). Trata-se do papiamentu *fula* “sentir” (<neerlandês *voelen* “sentir”) e do papiamentu *kachasa* “fleuma”. O papiamentu *fula* possui claramente outra etimologia do que o espanhol/ português *fula*. No caso do papiamentu *kachasa*, Putte-de Windt e Putte (2005: 195) indicam uma origem sefardí (sem identificar o étimo). Principalmente poderia ser uma palavra derivada do hebraico, porém não pudemos identificar uma raiz כשס ou כשק. Uma ligação semântica com português *cachaça* existe, no entanto, se considerarmos o sentido figurado de português “fleuma”: “produto,

Papiamentu	Português do Brasil	Espanhol uruguaio
<i>bomba</i> (substantivo)	apenas derivados como <i>bombear</i> (vb.)	<i>bombo</i> (substantivo)
<i>kachimba</i> (substantivo)	<i>cachimbo</i> (substantivo)	<i>cachimba</i> (substantivo)
<i>kanga</i> (verbo)	<i>canga</i> (substantivo)	<i>canga</i> (substantivo)
<i>konga</i> (substantivo)	<i>congá</i> (substantivo)	<i>congá</i> (substantivo)
<i>dengue</i> (substantivo)	<i>dengue</i> (substantivo)	<i>dengue</i> (substantivo)
<i>marimba</i> (substantivo)	<i>marimba</i> (substantivo)	<i>marimba</i> (substantivo)
<i>Mandinga</i> (topônimo) <i>manzinga</i> (adjetivo)	<i>mandinga</i> (substantivo)	<i>mandinga</i> (substantivo)
<i>mondongo</i> (substantivo)	<i>mondongo</i> (substantivo)	<i>mondongo</i> (substantivo)
<i>tango</i> (substantivo)	<i>tango</i> (substantivo)	<i>tango</i> (substantivo)
<i>zamba / samba</i> (substantivo)	<i>samba</i> (substantivo)	<i>zamba / samba</i> (substantivo)

Tabela 2 Convergências nos africanismos lexicais entre papiamentu, português do Brasil e o espanhol uruguaio.

Pelo menos três destes lexemas podem ser considerados como internacionalismos mundiais de origem africana: *dengue*, *tango* e *samba* por existirem no vocabulário de muitas línguas⁸. Nada indica que se trate, no papiamentu, de empréstimos diretos de línguas africanas.

ainda com impurezas, que se obtém de uma primeira destilação do sumo fermentado da cana-de-açúcar, da beterraba, de mostos etc” (Houaiss e Villar 2001), que designa, portanto, um produto na cadeia de produção de *cachaça*. Porém, sem um estudo aprofundado, não podemos julgar se esta ligação não passa de uma mera coincidência. Segundo o corpus diacrônico do espanhol, CORDE (ver Real Academia Española, Banco de datos (CORDE) [en línea], Corpus diacrónico del español), o documento mais antigo em espanhol que contém *cachaza* é de 1423, mas no sentido (aliás, também atestado para o português antigo) de *cachaça* “porca gorda, cevada” (Moreira 2005: 184, ver também Bueno 1954: 227 que aventura a hipótese de que o sentido designativo de uma bebida alcoólica é devido ao uso de álcool para amolecer a carne). O sentido parecido com “fleuma” está documentado em CORDE a partir do século XVIII. Podemos concluir destes dados que não é totalmente excluído que papiamentu *cachaza* seja um africanismo, mas para poder afirmá-lo mais pesquisas fazem-se necessárias.

⁸ O lexema *dengue*, por exemplo, existe entre outros em catalão, checo, francês, italiano, neerlandês, norueguês, occitano e russo (ДЕНГЕ). Em outras línguas *dengue* faz parte de um sintagma maior (em regra geral com um elemento designativo de “febre”), por exemplo, em

Putte-de Windt e Putte (2005: 397) acrescentam no verbete de *samba* como nota explicativa “Braziliaanse dansmuziek” (música de dança brasileira). Uma nota análoga inexistente nos verbetes de *tango* e de *dengue*. Porém, nos estudos de cunho antropológico (Brenneker 1969; Allen 2007) e de etnomusicologia (Rosalia 1997), à diferença de outras danças, o tango não é mencionado como uma dança tradicional. No caso de *dengue* chama atenção a ausência de palavras derivadas no papiamentu, que são tão numerosas no português do Brasil (ver Houaiss e Villar 2001: *dengo*, *denguice*, *dengoso*, *dengosidade*, *dengueiro*) e no espanhol⁹. Além disso, o significado de *dengue* em papiamentu é restrito à doença enquanto no português do Brasil e no espanhol uruguaio há também outras acepções como “melindre, manha, delicadeza” (Laytano 1936b: 43; Pereda Valdés 1959: 183; Britos Serrat 1999: 62; Castro 2001: 220).

O termo internacionalismo mundial de origem africana nos parece, pois, o mais adequado para designar unidades lexicais de origem africana (doravante: ULOA) que vieram a fazer parte do léxico de línguas geneticamente não-relacionadas e possuem uma distribuição geográfica que ultrapasse uma região determinada (ver também Babušytė 2009: 24-26 que distingue entre internacionalismo (= distribuição mundial) e europeísmo (= distribuição em pelo menos três línguas européias que não sejam do mesmo ramo). Outro critério é a semelhança fonética e semântica nas diferentes línguas¹⁰.

Internacionalismo, neste sentido, não é uma categoria intra- ou monolingual mas interlingual, isto é, que não se pode constatar que uma certa unidade lexical numa determinada língua seja um internacionalismo sem fazer comparações com outras línguas (ver também Schaefer 2003: 97-98).

Na interlexicologia interessa, pois, a distribuição de um interlexema em múltiplas línguas (daí a definição de europeísmo como unidade lexical com uma distribuição em línguas que pertencem a ramos ou famílias diferentes).

Para nossos fins, a diferenciação entre os ULOA que não são internacionalismos mundiais e ULOA que são internacionalismos mundiais de origem africana, nos parece apresentar a vantagem de poder diferenciar entre tais ULOA que foram emprestadas por uma determinada língua no contato direto com falantes de uma língua africana (como, por exemplo, *cochilar* no português do Brasil) e tais ULOA que são empréstimos indiretos

alemão, bahasa indonésia, bahasa malaia, dinamarquês, esloveno, finlandês, húngaro, inglês e vietnamita. Em hebraico há דנגי [dengi], em búlgaro, sérbio ДЕНГА, em polonês e croata *denga*, esperanto *dengo*.

⁹ Moliner (1991) enumera os derivados: *dengue*, *dengoso*, *denguear*, *dengueria*, *dengoso*, Ortiz Oderigo (2007: 100) para o espanhol rio-platense, *dengo*, *dengoso* e *denguero*.

¹⁰ Para uma tipologia dos internacionalismos lexicais (inclusive de sufixos e prefixos) ver, por exemplo, Akulenko (1972: 28-56). Para uma historiografia da pesquisa sobre internacionalismos desde a primeira metade do século XX, ver Kolwa (2003).

através de outras línguas e que foram, desta maneira, incorporados no léxico de muitas línguas (como, por exemplo, *gorila*).

Os internacionalismos mundiais de origem africana são caracterizados por uma grande homogeneidade semântica nas línguas que os incorporaram no seu léxico, como é o caso, por exemplo, de *tango* e *samba*.

Outro aspecto relevante desta solução terminológica é que a própria definição de internacionalismo permite distinguir muitas das unidades lexicais que foram emprestadas diretamente das línguas africanas, uma vez que estas podem, como no caso de *dengue* no português brasileiro e espanhol uruguaio, ter ainda outras acepções que são semanticamente mais próximas ao seu étimo e não possuem uma distribuição geográfica de escala larga. Há que distinguir deste caso, o caso de evolução semântica a partir do significado do internacionalismo que pode ser uma evolução interna e idiossincrática de uma dada língua.

Apresentaremos a seguir, primeiro os restantes sete africanismos do papiamentu que são cognatos ou etimologicamente relacionados a africanismos da lista do Anexo do presente volume.

Bomba

O substantivo do papiamentu *bomba* “capataz” que existe com o mesmo significado também em negerhollands¹¹ é relacionado com o verbo português *bombear* nas acepções indicadas pelo dicionário Houaiss como regionalismos de Pernambuco e do Rio Grande do Sul: “vigiar ou seguir a pista de (alguém), de quem se desconfia ou de quem se espera algo” e “espionar o campo inimigo” (Houaiss e Villar 2001; ver nesta acepção também: Laytano 1936b: 34-35), com o português *pombo* no sentido indicado por Houaiss e Villar (2001) com “feira livre, mercado”, com o português *pombeiro* “mascate, comerciante que anda pelo interior do país; negociante ou emissário que atravessava a África meridional comerciando por escravos” (Castro 2001: 317) e também com o espanhol rioplatense *bombear* “prejudicar alguém ou arruinar seus planos”, “vigiar uma pessoa ou um animal” e “observar ligeiramente algo para verificar um estado de coisas”¹² e *bombero* “espía, guerrillero destacado para observar los movimientos y acciones del enemigo” (Ortiz Oderigo 2007: 51; ver também:

¹¹ Cf. Hesseling (1905: 275). Jong (1926: 74) indica para o negerhollands além de *bomba* também a forma *bumba*.

¹² Ver Haensch/ Werner (2000: 98); Ortiz Oderigo (2007: 51); Britos Serrat (1999: 30). Laguarda Trias (1969: 55) considera *bombear* e *bombero* no espanhol rioplatense como afro-brasileirismos, dizendo literalmente: “Se trata, por consiguiente, de voces afronegras modificadas en el Brasil; las usadas en el Plata son simples calcos de esos afro-brasileñismos” (Laguarda Trias 1969: 55).

Britos Serrat 1999: 30). Kühl de Mones (1993) menciona para o espanhol uruguaio coloquial e rural significados que evoluíram semanticamente para “perjudicar a ‘alguien’ o arruinar sus planes” (coloquial) e “observar cautelosamente a ‘alguien’ o algo”.

À primeira vista, a relação entre estes significados não parece óbvia. Por essa razão, existem tentativas bastante divergentes de explicar as diferentes acepções¹³. A mais convincente apresenta Bal (1973: 59-93) na base de fontes portuguesas, neerlandesas e francesas sobre a região do Congo no século XVI. O autor indica como étimo o topônimo Mpumbo que é relacionado ao etnônimo de Wuumbu e aplicado às três regiões ocupadas por esta etnia no século XVI no então Congo (Bal 1973: 82). Estes territórios: o Kwango Inferior, a região dos confluente do Kwango e da Wamba bem como do Pool Malebo eram regiões de um comércio intenso, e por essa razão o topônimo tornou-se sinônimo de “lugar de feira” (Bal 1973: 83). Os comerciantes portugueses que frequentavam estas feiras receberam segundo Bal (1973: 83) o nome de *pombeiro*. Conforme Bal (1973: 83) foram chamados de *pombeiros* também os emissários dos comerciantes que poderiam ser inclusive escravos ou exescravos libertados. A ligação com o sentido de papiamentu *bomba* “capataz” parece evidente se considerarmos que estes comerciantes eram em grande número traficantes de escravos e por isso, os próprios comerciantes ou seus emissários africanos, vigiavam os escravos desde a compra até a revenda. A relação com o significado de “espião” do português *bombeiro* e do espanhol *bombero* torna-se evidente, uma vez que o capataz tem por função vigiar os escravos. Saraiva (1966 [1878]: 79) aponta na direção de Bal (1973) mencionando que *pombe* seria “usado no reino de Angola” designando “a pessoa que vai ao sertão negociar a compra dos escravos”.

Em papiamentu o substantivo *bomba* não era somente a denominação para o capataz, mas tornou-se também um apelativo e inclusive um título e nome próprio (Brenneker 1969: 32). Nos relatos de Brenneker (1969: 31-32) são mencionados como exemplos para o uso de *bomba* como título + nome: *Bomba Mashî van San Juan* e *Bomba Tjsado*.

¹³ Enquanto Lopes (2003: 45) considera o português *bombear* “espionar” e o português *bombeiro* “espião” um empréstimo indireto do quimbundo *pombo* “espião” através do espanhol rioplatense *bombear*, o mesmo autor considera o português *bombeiro* “vendedor ambulante” um empréstimo direto do quimbundo *pombo* na acepção de “mensageiro”. Corominas (1954) explica a relação entre o sentido do espanhol *bomba* “máquina para elevar água” e o sentido de *bombear* “espionar” análogo ao inglês *to pump* “sonacar alguno” “obtener datos de alguien interrogándole” e do inglês *pump* “máquina de elevar água, bomba”. Maduro (1953: 46) considera o papiamentu *bombo* uma derivação regressiva do espanhol *abombado*. Mas em um trabalho posterior o autor percebe uma relação com o inglês jamaicano *bomma* “pessoa que coordena os cantos de trabalho dos escravos” (Maduro 1973: 10). Parkvall (no prelo) menciona a existência de *bomba* “a blustering, overbearing person” no crioulo de base lexical inglesa das Ilhas Virgens e vê uma relação com fon *bumba* “strong”.

Segundo Brenneker (1969: 32) os *bombas* eram em regra geral escravos, mas houve também casos de pessoas livres terem trabalhado como *bomba*. Os escravos que exerciam esta função tinham o privilégio de não poderem ser castigados corporalmente. Segundo o mesmo autor, até depois da abolição da escravidão os capatazes das plantações continuaram a ser chamados de *bomba*.

Kachimba

O substantivo do papiamentu *kachimba* possui o mesmo sentido do seu cognato no português *cachimbo*¹⁴ na sua acepção principal de:

[...] utensílio para fumar feito de madeira, barro ou outros materiais, que consiste num tubo delgado que tem, numa das extremidades, um recipiente (fornilho) onde se coloca e se faz arder tabaco ou outro produto, e, na outra extremidade, uma abertura ou bocal por onde se aspira a fumaça (Houaiss e Villar 2001: 551).

Como étimo, Castro (2001: 186) indica o quicongo/ quimbundo *kushimpa* /*kushimba* “fumar”. Outros evocam também a possibilidade da origem do quimbundo *ki-xima* (Rougé 2004: 91; Houaiss e Villar 2001) ou *ka-huma* “instrumento para fumar” (Houaiss e Villar 2001) serem o étimo de *cachimbo*.

No espanhol rioplatense, são duas as formas cognatas:

- *cachimbo* (ver: Pereda Valdés 1965: 181; Britos Serrat 1999: 35; Ortiz Oderigo 2007: 59; Kühl de Mones 1993; conforme Tejera 1983, vol. 1: 180 e Ramos Guédez 2001: 181, também no espanhol venezuelano há esta forma e, segundo Parkvall (no prelo), no espanhol dominicano onde se formou, além disso, o verbo denominal *cachimbá* “llenar el cachimbo de tabaco” (Demorizi 1983: 46) e
- *cachimba* (forma compartilhada com o espanhol peninsular informal *cachimba*, ver: Haensch e Werner 2000: 115; Moliner 1991, vol. 1: 447; Guarnieri 1970: 67 e Kühl de Mones 1993 mencionam para o Uruguai *cachimba* apenas no sentido de “poço natural ou artificial de água”).

Segundo Parkvall (no prelo) há *kachimba* e cognatos de *kachimba* também em outros crioulos atlânticos. O autor menciona os crioulos jamaicano,

¹⁴ Vale ressaltar que *cachimbo* também no português europeu é a única forma usada para designar este referente (ver, por exemplo, Tavares *et al.* 1999: 385).

haitiano e principense com o mesmo sentido, além disso, o palenquero e o espanhol colombiano *cachumba* “tabaco (velho)” e *cachimba* “cheiro de tabaco”, “cabo de tabaco”¹⁵. Lang (2002: 308) e Rougé (2005: 91) mencionam *kaxinbu* para o kabuverdianu de Santiago, Rougé (2005: 91) também *kintxiba* para o lung'ie e *kintximon* para o forro alegando que *kintxiba* pode ser emprestado diretamente do quimbundo.

Para o papiamentu, Putte-de Windt e Putte (2005: 195) indicam que o papiamentu *kachimba* seria antiquado. Putte e Putte-de Windt (2006: 467) indicam como equivalência do neerlandês *pijp* “cachimbo” em primeiro lugar o papiamentu *pipa* e como forma antiquada *kachimba*. Nas equivalências em papiamentu dos compostos neerlandeses *pijp roken* “fumar cachimbo” e *pijptabak* “tabaco de cachimbo” não se indica *kachimba* mas *pipa* (*huma pipa* e *tabaku di pipa*). Dijkhoff (2002: 25) menciona no seu dicionário monolíngue de palavras do papiamentu de Aruba de tempos antigos *cachimba* com o significado de “pipa (*pa huma*)”. Joubert (1999: 146), porém, não indica o papiamentu *kachimba* como antiquado, mesmo usando esta marcação diacrônica em outras entradas. Além disso, consta *kachimba* na lista de ortografia de palavras do papiamentu recentemente editada (Fundashon pa Planifikashon di Idioma 2009: 146).

Kanga

Entre o verbo do papiamentu *kanga* “arregaçar” e o substantivo português *canga* na acepção de “retângulo ou triângulo de tecido que se enrola ger. da cintura para baixo, por cima da roupa de banho; saída-de-praia” (Houaiss e Villar 2001) parece haver uma relação etimológica, uma vez que o significado do verbo papiamentu *kanga* é próximo do verbo quicongo *nkanga* < *kanga* “amarrar” que Castro (2001: 197) indica étimo do português *canga*¹⁶. Segundo Castro (2001: 197) o outro significado de *nkanga* é “tecido com que as mulheres sustentam a criança amarrada em volta do corpo”.

Maduro (1973: 35) e Wood (1974: 140) consideram o papiamentu *kanga* como um empréstimo do inglês (< inglês *kinky*) por causa de um alegado sentido próximo do inglês *kinky* com o papiamentu *kanga* na colocação *kanga saya* “arregaçar a saia”. O adjetivo inglês *kinky* que significa na acepção principal “retorcido, enroscado, cheio de cocas ou dobras” (Weiszflog 2006: 376) possui realmente alguns semes em comum com o

¹⁵ Outros crioulos do Caribe não compartilham esta etimologia para o lexema designativo de “cachimbo”. Por exemplo, Sranantongo: *peipi*, *pipa* (Blanker e Dubbeldam 2010: 330), neerlandês: *pipa* (Jong 1926: 96) e crioulo guadalupense: *pip* (Tourneux e Barbotin 1990: 314; 473).

¹⁶ Ver também Maia (1961: 31) que indica para português *amarrar*, em quicongo *kanga*, como uma das alternativas de tradução.

papiamentu *kanga* em relação com os efeitos da ação. Porém, esta etimologia alegada por Maduro (1973) e Wood (1974) parece muito improvável. O papiamentu teria que ter desenvolvido um verbo de ação a partir de um sema de adjetivo que designa apenas o resultado desta ação, sem considerar as mudanças fonéticas. Parece muito mais plausível que o étimo do papiamentu *kanga* seja o quicongo *kanga* como Castro (2001: 197) alega para o português do Brasil.

Outras acepções em português e no espanhol rioplatense como *canga* no sentido de “jugo, peça de madeira us. para prender junta de bois a carro ou arado” (Houaiss e Villar 2001) ou “palo en forma de horqueta, cuyos extremos superiores se sujetan al cuello del animal vacuno para evitar cruce a través del alambrado que cerca un campo” (Haensch e Werner 2001: 131-132) ou “Traba hecha con tres palos cruzados formando un triángulo o con un palo en forma de horqueta, que se sujeta al cuello de un animal para evitar que cruce a través del alambrado que delimita un campo” (Kühl de Mones 1993)¹⁷ são tradicionalmente considerados como empréstimos do céltico (Houaiss e Villar 2001: 597; Meyer-Lübke 1968: 148). A acepção de *canga* “jugo (de boi)” existe também nas Ilhas Canárias (ver O’Shanahan 1995: 255) e na península ibérica (Krüger 1925: 173). Em Orense, por exemplo, designa um tipo especial de jugo que liga os bois na nuca (Krüger 1927: 49). Além disso, Krüger (1925: 187) informa que no espanhol regional de Salamanca *canga* significa “arado dispuesto para una sola caballería”. Segundo Meyer-Lübke (1968: 148), na Galiza e no norte de Portugal, *canga* pode significar também “viga” ou também “caminho estreito entre duas rochas”. Corominas e Pascual (1980) consideram *canga* no sentido de “jugo” como forma típica do galego-português, mas mencionam também que ocorre em Andaluzia no sentido de “junta de animais”. Seria preciso explicar a presença de *canga* na acepção de “jugo” nestas regiões da Espanha e de Portugal nas quais foi atestada para poder afirmar com certeza absoluta que no caso de *canga* “jugo” se trata de um africanismo. Doutro lado, se for um celtismo do noroeste da península ibérica, faz-se mister explicar porque justamente esta forma regional passou a ser usual no Brasil e na região do Rio da Prata¹⁸.

A argumentação lingüística de Meyer-Lübke (1968: 148) que *canga* seria um celtismo, tampouco é muito convincente, porque recebe pouco apoio em fatos apresentados pelo autor, como, aliás, ressaltam também Corominas e

¹⁷ Ver também Laguarda Trias (1969: 33), Britos Serrat (1999: 44), Ortiz Oderigo (2007: 73-74).

¹⁸ Laguarda Trias (1969: 33) avança a hipótese que em quimbundo seria um empréstimo do português. Se a hipótese do celtismo for correta, a presença de *canga* no Rio da Prata poderia ser explicada pela presença dos imigrantes galegos, segundo Magdalena Coll (comunicação pessoal).

Pascual (1980) uma vez que a forma celta **canga*¹⁹ é apenas uma reconstrução não documentada. Enquanto Meyer-Lübke (1968: 148) descarta uma ligação com o galês *cambica* “madeira curvada” alegando que esta forma pode ser uma evolução do galês *cambita* “jante”, Corominas e Pascual (1980) argumentam a favor do celta **cambica* como derivado de **cambos* “curva”. A nosso ver, uma ligação semântica com uma forma celta *cambo-* “curva” (Delamarre 2003: 100) existe na forma, sendo o jugo de boi também curvado, mas a proximidade semântica com a idéia de “amarrar” nos parece mais óbvia. É interessante que Meyer-Lübke (1968) e Corominas e Pascual (1980) nem se quer evocam a hipótese de uma etimologia africana e isso embora o fato de que a primeira documentação de *canga* em espanhol data, segundo Corominas e Pascual (1980) de 1849, e em português, segundo Houaiss e Villar (2001), do século XIV.

Em papiamentu, além do verbo *kanga*, há colocações e derivações deste verbo. A colocação *kanga saya* possui segundo Putte-de Windt e Putte (2005: 201) duas acepções: 1: “arregaçar a saia” e 2: “xingar, vociferar”.

O adjetivo *kanga* significa segundo Putte-de Windt e Putte (2005: 201) “pobre, sem meios”, o adjetivo *kangá* “zangado, irritado” sendo seu uso restrito à irritação feminina (Putte-de Windt e Putte 2005: 201).

A partir da segunda acepção de *kanga saya* formaram-se ainda os substantivos deverbais *kangadó di saya* (Hoetink 1969: 129) e *kayamentu di saya* (Marugg 1992: 46). A relação semântica entre as duas acepções de *kanga saya* torna-se evidente pela explicação da colocação dada por Marugg (1992: 46): “Hisa saya na laria i trèk e steif rondó di atras. Gesto ku sierto muhénan tá hasi ora nan zundra” (Levantar a saia ao ar fazendo movimento circular para trás com o seu engomado. Gesto costumeiro de certas mulheres quando vociferam, tradução nossa). Hoetink (1969: 129) define *kangadó de saya* como “mulher que é uma experta no xingamento, conseguindo graças a esta habilidade, ingressos ocasionais” (tradução nossa). O autor informa que havia antigamente o costume de contratar, em caso de conflitos, mulheres que exerciam o papel de xingadora. O significado do adjetivo *kangá* “zangado, irritado” explica-se facilmente a partir do gesto e da profissão, a partir desta última talvez também o significado de *kanga* “pobre, sem meios”. Além disso, existe o topônimo *Kanga* na ilha de Curaçao²⁰.

¹⁹ Cabe mencionar para os leitores que são menos familiarizados com os estudos de etimologia que o asterisco que antecede uma forma significa que não há documentação histórica para a mesma, mas que se trata apenas de uma reconstrução (ver por exemplo: Endruschat e Schmidt-Radefeldt 2008: 33; Delamarre 2003: 28; Wartburg 1971: 54; Schmitt-Brandt 1998: 28).

²⁰Ver van Buurt (2001: 15). Segundo Brenneker (1969: 220) um bairro de residência no sudeste de Santa Maria, antigamente uma plantação.

Konga

Em papiamentu *konga* significa o mesmo que no português *conga* na acepção de “tipo de tambor” (Putte-de Windt e Putte 2005: 231; Houaiss e Villar 2001). Em papiamentu este é o único significado mencionado na lexicografia e *konga* não é mencionado em Gansemans (1989) como instrumento da cultura afro-antilhana em Aruba, Bonaire e Curaçao.

Além da acepção designativa de um instrumento musical, o dicionário Houaiss menciona que *conga* designa uma dança afro-cubana bem como a música que acompanha esta dança (Houaiss e Villar 2001). Lopes (2003: 82) considera o substantivo português *conga* como um empréstimo do espanhol cubano evocando as possibilidades que *conga* nesta variedade do espanhol seja um empréstimo do quicongo *nkunga* “canto, canção” ou do topônimo Congo²¹.

No português há ainda a derivação *congada* designativa de uma dança e música afro-brasileira que deve ter a mesma etimologia. Para o espanhol uruguaio, Bertolotti (neste volume) atesta também um uso como etnônimo. Kühl de Mones (1993) menciona para o espanhol uruguaio apenas o sentido “juego de naipes en el que participan varios jugadores con siete cartas uno y que consiste en formar escaleras y piernas” (Kühl de Mones 1993).

Mandinga/ Manzinga

A palavra *Mandinga* existe em papiamentu apenas como topônimo. O *Buracu di Mandinga* é segundo Brenneker (1969: 233) uma cova na Ronde Klip cavada por escravos, segundo a tradição oral. Van Buurt (2001: 15) indica, além disso, o topônimo *Seru di Mandinga* designativo de uma montanha também nas cercanias da Ronde Klip.

*Manzinga*²² segundo Putte-de Windt e Putte (2005: 281), é em papiamentu um adjetivo que significa “grande e forte”. Existe também a colocação *toro manzinga* que no ritual do Séu (festa de ação de graças pelas colheitas) designa o touro adulto que é vencido numa luta com o touro jovem (*toro mancebo*) pelo último (ver Putte-de Windt e Putte 2005: 281). Van Buurt (2001: 11) informa que esta tradição baseia-se num conto tradicional de *Manzinga*, um touro malvado, que é vencido pelo seu próprio filho *Mancebo*.

²¹Também no caso de *conga* trata-se de um internacionalismo mundial de origem africana, pois há *conga* pelo menos em neerlandês, inglês, alemão, italiano, francês, bahasa malaio, catalão, galês, galego, norueguês e sueco. Cf. também: basco: *kongak*; polonês: *kongi*, dinamarquês *congatrommer*, finlandês: *congarummut*, búlgaro, macedônio, russo: конга, ucraniano: конга, hebraico: תוף קונגה.

²² Maduro (1953: 95) indica também a variante *mazinga*.

Van Buurt (2001: 11) considera *manzinga* como substantivo designando um ser malvado ou o diabo, um significado também usual para o cognato *mandinga* no espanhol venezuelano (Ramos Guédez 2001: 186), argentino (Haensch e Werner 2001: 381) e uruguaio (Kühl de Mones 1993). Maduro (1953: 95) indica como etimologia o etnônimo *mandinga*. Castro (2001: 274), porém, propõe para *mandinga* em português duas etimologias diferentes. Para a acepção “bruxaria, ardil” a autora propõe como étimo o quicongo/quimbundo *mazinga* “ação de complicar, de impedir também por feitiço”, para o etnônimo a autora propõe como étimo o etnônimo correspondente da língua mandê²³.

Marimba e Marímbula

Marimba existe no papiamentu no mesmo sentido do português e do espanhol: “instrumento de percussão constituído por placas de madeira formando um teclado, percutidas por duas baquetas, tendo cabaças como ressoadores” (Houaiss e Villar 2001) (<quicongo /quimbundo *madimba/umbundo omalimba*, ver Castro 2001: 277) e se pode, a nosso ver, também considerar como um internacionalismo mundial de origem africana²⁴. Van Buurt (2001: 11), no entanto, classifica *marimba* em papiamentu não como internacionalismo, mas como africanismo genuíno do papiamentu como resultado do contato direto com línguas bantu (junto com *marímbula* que van Buurt (2001: 11) considera etimologicamente relacionado com *marimba*²⁵, mesmo se tratando de dois instrumentos diferentes como deixam claro as definições dadas em Putte-de Windt e Putte 2005):

marimba sus. (muz.) marimba <de, -s'> *xylofoon met klankbuizen onder de angeslagen platen* (xylófono com ressoadores abaixo das lâminas, tradução nossa, Putte-de Windt e Putte 2005: 283)

marímbula [*marímbola* (A[ruba]) sus., *bepaald soort Latijns-Amerikaans muziekinstrument bestaande uit een klankkast met daarop metalen veren gemonteerd* (determinado tipo de instrumento latino-americano que consiste em uma caixa de ressonância com lâminas metálicas montadas acima da caixa, tradução nossa, Putte-de Windt e Putte 2005: 283).

²³ Segundo Rougé (2004: 331) é *mandinga* em Guiné-Bissau e na Casamance apenas um etnônimo, no kabuverdiano de Santiago seria um verbo significando “ficar louco” e “amuar-se” [devenir fou, boudier]. Em forro de São Tomé *mandjinka* significa “colérico, furioso”.

²⁴ *Marimba* há pelo menos em: alemão, baixo-saxão, catalão, checo, dinamarquês, esloveno, estoniano, finlandês, francês, frisio, galego, inglês, italiano, limburguês, letão, neerlandês, norueguês, polonês, romeno, turco; na grafia *маримба* em búlgaro, russo e ucraniano, na grafia *מרימבה* em hebraico.

²⁵ Putte-deWint e Putte (2005: 283) definem, contudo, apenas *marímbula* como forma que designa um instrumento latinoamericano.

Baseando-se nas pesquisas de Gansemans (1989), van Buurt (2001: 11) refere que a raiz *-imba* em muitas línguas bantu é relacionada ao canto ou à melodia. *Marimba* (<*ma-dimba* = plural de *didimba* “tecla”) significa, segundo esta análise, literalmente “teclas”. No caso de *marimbula* o sufixo *-ul(a)* significaria “alguém faz algo para alguém”, portanto o significado original de *marimbula* seria “tocar a marimba em honra de alguém”. Gansemans (1989: 67), no entanto, informa que *marimba* e *marimbula* são usadas em Aruba como sinônimos enquanto que em Bonaire predomina *marimbula*. O mesmo autor (Gansemans 1989: 67) calcula que o instrumento foi introduzido nas Antilhas Neerlandesas apenas no começo do século XX, mas aponta também para o fato de que o número de lâminas em Bonaire e Aruba são limitados ao número de 5 a 7, enquanto em Cuba e Porto Rico podem ser 10 ou mais (Gansemans 1989: 73). Para *marimba* no espanhol uruguaio veja-se Fernández Guerra (neste volume) que aponta para um uso mais amplo quanto aos tipos de instrumentos designados pelo lexema.

Mondongo

O significado básico de *mondongo* “tripas” é o mesmo em papiamentu, em português e no espanhol. Em papiamentu distingue-se entre *tripa* “tripas humanas” e *mondongo* “tripas animais” (Rach 1984: 50). Este sentido de base converge com o étimo que Castro (2001) indica: “Kik. *mungungu/mundungu*, veias, tendões, membranas, nervos, fígado e coração de certos animais, esses últimos oferecidos em sacrifício a um grande chefe ou a um inquite” (Castro 2001: 288).

As opiniões sobre a etimologia de *mondongo*, contudo, não são unânimes. Meyer-Lübke (1968: 106) segue Baist (1881: 233) e supõe uma relação com o espanhol *albóndiga* e o português *almóndega* (<árabe *bundúga* “bolinha de carne”). Corominas e Pascual (1980) rejeitam esta hipótese e aventam que *mondongo* é uma derivação do espanhol *bandullo* “ventre, conjunto das tripas” (<árabe *batn*). Segundo esta hipótese: “Las formas con *m-* se explican bien por asimilación de una *b-* a la nasal siguiente, y sólo las formas en *b-* se hallan en la Edad Media. Luego es plausible partir de *batn* [...] bien documentado en el ár. clásico y en el vulgar de España” (Corominas e Pascual 1980). De fato, *mondongo* existe também no português europeu²⁶, no

²⁶ Cf. Villar (1989: 95) que indica para o português europeu *mondongo* com as seguintes acepções: 1 miúdos de alguns animais (porco, boi etc.); 2 pessoa suja, desmazelada; 3 trapos, frangalhos. Além disso, há segundo Villar (1989: 95) no português europeu o substantivo feminino *mondonga* com as acepções de: 1 mulher que limpa os *mondongos* (miúdos de porco e de boi); 2 mulher suja, desmazelada (feminino de *mondongo*). Outras palavras relacionadas no português europeu são segundo Villar (1989: 89) *mandonga* [Beira Baixa]: “mulher suja, desmazelada; mulher de aspecto repugnante, horrendo, mostrenga e *mandronga* mulher preguiçosa”.

galego²⁷, no espanhol peninsular, no catalão (Corominas 1985) e no basco (onde significa “chouriço de sangue”)²⁸. Se *mondongo* for um africanismo, faz-se mister explicar sua presença em todas as línguas da península ibérica. Como vimos no exemplo do português *cachimbo*, há também nas variedades peninsulares das línguas ibéricas empréstimos de línguas africanas que não são internacionalismos mundiais de origem africana. As datações de *mondongo* em espanhol (Corominas e Pascual 1980-1991, o ano 1599)²⁹ e em português (Houaiss e Villar 2001, o ano 1716) são bem posteriores aos primeiros contatos dos portugueses com os povos bantu, mas far-se-ia necessário também explicar porque justamente o significado de “tripas de certos animais” foi emprestado do quicongo pelo português europeu, pelo espanhol peninsular e pelo catalão. Ortiz (1924: 345) evoca uma resposta possível ao ponderar a possibilidade de *mondongo* ser um africanismo como resultado do contato entre africanos e espanhóis em Andaluzia:

Mondongo es originariamente un andalucismo; pero, permítaseme el atrevimiento, bien pudiera derivarse del África, del lenguaje de los esclavos negros tan extendidos en Andalucía aun antes del descubrimiento de América. El hechizo *ndongo*, reside *siempre* en el estómago de las personas hechizadas y todas las enfermedades del estómago se atribuyen al *ndongo*. ¿No podrían los esclavos afroandaluces haber llevado a Sevilla esa voz y luego haberse extendido por toda la América por los colonizadores, precisamente para facilitar su inteligencia con los esclavos? No hay por qué dudar de la influencia del habla negra en las expresiones vulgares en Andalucía en cierta época ya lejana (Ortiz 1924: 345-346).

Além disso, vale ressaltar que na América Latina *mondongo* é geralmente visto como ligado à cultura culinária afro-americana³⁰. Este fator como também o fato de que o lexema do quicongo *mundungu* foneticamente é mais próximo a *mondongo* do que o árabe *batn*, mesmo se se considerar *bandullo* como forma intermediária, não são tomados em consideração por

²⁷ Além do substantivo existe também como adjetivo com o significado de “brando, mol, en especial referido a pescado” (Feizó Cid 1986, vol. 2: 596).

²⁸ Meyer-Lübke (1968: 106) exclui a possibilidade que *mondongo* seja um empréstimo do basco, por ser esta uma forma isolada neste idioma. Löpelmann (1968) não trata da etimologia de *mondongo*. Aulestia (1989: 414) indica o significado de *mondongo* em basco com “large sausage”, Azkue (1906, vol. 2: 44) com “morcillon, boudin” e menciona como forma secundária *mondrongo*.

²⁹ Segundo CORDE a documentação mais antiga é do final do século XVI em uma obra de Góngora: “En viendo una nutria destas./con duplicación de barbas,/pongo mi sombrero en cobro/ porque pienso que es tarasca./ Mondonguera de plaçuela / es una gorda asentada, /y a su *mondongo* le sirve, / la barriga, de tinaja; / barrigas ay con alforzas, / y assí, con vna gordaza /con escalera de arrugas /pueden colgar una sala” (Góngora y Argote, Luis de (1580-1627), em CORDE).

³⁰ Ver, por exemplo, para Venezuela: Ramos Guédez (2001: 187), Álvarez (1987: 156) e Sopena (1998: 423), para Colombia: Santamaria (1942, tomo 2: 293).

Corominas e Pascual (1980) e Meyer-Lübke (1968) que nem sequer evocam a possibilidade de um étimo africano.

Outro fator a esclarecer são os significados que se desenvolveram a partir do sentido básico. Em papiamentu *mondongo* designa além das tripas de animais também um prato de dobradinhas bovinas, e, no sentido figurado, o interior psíquico de uma pessoa (Putte-de Windt e Putte 2005: 297). Além disso, existe uma rica fraseologia, também relacionada a esta última acepção como em:

no bende bo mondongo ku tur hende – vertrouw je geheimen niet aan iederen toe (Putte-de Windt e Putte 2005: 297) (não venda seu mondongo para todo mundo, i.e. não confie seus segredos a todo mundo, tradução nossa)

Outras unidades fraseológicas são relacionadas à acepção culinária como na colocação *sopi di mondongo* “sopa de mondongo” ou ao sentido básico como em:

no por saka mondongo, hinka yerba di banana – het hemd is nader dan de rok (Putte-de Windt e Putte 2005: 297) (não podendo tirar mondongo, pegue da planta de banana, i.e. puxar a brasa para sua sardinha, tradução nossa).

Ainda outras mostram uma convergência com o sentido rioplatense de “pança” como:

- a) *mondongo di lobi – bolle buik* (Putte-de Windt e Putte 2005: 297) (mondongo redondo, i.e. barriga pançada/ barriguda, tradução nossa)³¹;
- b) *manera guengo sin mondongo – zo mager als en lat* (como um camarão sem mondongo, i.e. magro como um palito, tradução nossa, Putte-de Windt e Putte 2005: 157);
- c) *guepi sin mondongo – broodmager iemand* (zambaio-roliço [=tylosurus crocodilos] sem mondongo, i.e. alguém muito magro, tradução nossa, Putte-de Windt e Putte 2005: 297).

Um traço semântico que deu origem a evolução semântica em unidades fraseológicas é [+rugoso] (da estrutura rugosa da superfície do *mondongo*) como em: *sèrbète di mondongo* “toalha felpuda”³². Não há em papiamentu os significados ligados a ideia de sujeira que há em português³³.

³¹ Ver a segunda acepção formulada de maneira idêntica em Haensch e Werner (2001: 407) e Köhl de Mones (1993: 254): “Ventre de una persona, especialmente cuando es abultado”. A proeminência barrigal na expressão uruguaia *tener mondongo* é lateral (agradeço Magdalena Coll por esta informação).

³² No espanhol do Uruguai há também a comparação com a estrutura de uma toalha (comunicação pessoal de Magdalena Coll). No crioulo da Guiana francesa *mondong* significa “aspérité, rugosité, saillie” (Jadford 1997: 80).

³³ Ver, além das acepções do português europeu, as acepções mencionadas pelo dicionário Houaiss: “indivíduo de aparência desmazelada, suja; maltrapilho” (Houaiss e Villar 2001).

Etnônimos de origem africana: *luango*, *gueni*, *macamba*

Em papiamentu, como no português do Brasil e no espanhol uruguaio (ver Álvarez López neste volume) há etnônimos de origem africana. Porém não são os mesmos, como vimos no exemplo de papiamentu *manzinga* que evoluiu em papiamentu para um adjetivo dimensional perdendo toda conotação etnonímica. Contudo, vale mencionar a existência de três etnônimos antigos importantes de origem africana: *luangu*, *gueni* e *macamba*. Os primeiros dois referem-se às duas principais macro-regiões das quais os escravos foram levados, *gueni* para África Ocidental e *luangu* para Luango e Angola. Estes etnônimos eram usados tanto como autoquanto como heteroetnônimo³⁴. O terceiro etnônimo *makamba* é um heteroetnônimo para designar os colonizadores, i.e. os holandeses. Os etnônimos de origem africana no espanhol uruguaio e no português do Brasil tratados por Álvarez López (neste volume), i.e. *benguela*, *cabinda*, *cafre*, *calengo*, *camunda*, *casanche*, *congo*, *fula*, *luanda*, *lubolo*, *magi*, *mina* e *mozambique* não constam na obra lexicográfica mais completa do papiamentu que é o dicionário de Putte-de Windt e Putte (2005). Porém, há um interesse em incluir neste estudo os três etnônimos do papiamentu mencionados acima (*luangu*, *gueni*, *makamba*) por demonstrarem desenvolvimentos semânticos próprios do papiamentu que sublinham a diferença com o português do Brasil e com o espanhol uruguaio, apesar de as macro-regiões de onde os escravos foram deportados para Curaçao, para o Brasil e para o Uruguai (exceto Moçambique) terem sido as mesmas.

Luangu / Luango

No papiamentu contemporâneo *luangu* significa como adjetivo “muito colorido, com cores chamativas” (Putte-de Windt e Putte 2005: 270) e como substantivo “alguém que se veste muito colorido” (Putte-de Windt e Putte 2005: 270) – segundo Joubert (1999: 198) *luangu*, neste sentido, possui uma conotação negativa, pois não só designa uma pessoa que é vestida com

³⁴ Na onomástica distingue-se entre termos que um grupo étnico usa para se designar a si mesmo (o que chamamos aqui de auto-etnônimo) e termos com quais uma determinada etnia é designada por outras etnias (o que chamamos aqui de heteroetnônimo). A terminologia referente a estes conceitos não é uniforme. Witkowski (1995: 291) e Zgusta (1996: 1887) usam os termos autetnônimo (Authetnonym em alemão e autethonym em inglês) versus alo-etnônimo (Alethnonym em alemão e allethnonym em inglês). Bromley (1984: 9-10) distingue entre endoetnônimo (etnônimo de auto-identificação), exoetnônimo (etnônimo dado a uma etnia por outra(s) etnia(s) e politônimo (termo para todos os cidadãos que vivem nas fronteiras de um país ou de uma outra organização social – um exemplo histórico bem claro de um politônimo seria soviético). Skutnabb-Kangas (2000: 177) usa os termos auto- versus heteroetnônimo.

roupas muito coloridas, mas também que estas cores não combinam. Segundo van Buurt (2001: 9) e Hoetink (1969), neste sentido pejorativo, *luangu* pode também ser usado em casos que não concernem o vestuário como nas expressões: *e kolónan tá keda Luango* “estas cores ficam luango” (tradução nossa, Buurt 2001: 9) e *hende luangu* “pessoas com um gosto pouco sofisticado” (tradução nossa, Hoetink 1969: 367).

Luangu se refere à região africana Luango³⁵ onde os bantu levados para Curaçao foram escravizados e comercializados. Segundo Postma (2008: 115) embarcaram de Luango entre 1658 e 1738 28,9 % dos escravos da Companhia das Índias Ocidentais neerlandesa (WIC), um número que se elevou na década de 1690-1699 a 41,2 % e baixou na última década deste período para 6 %. Segundo Allen (2007: 68) a WIC usou em Curaçao escravos oriundos de Luango para cuidar dos escravos recentemente chegados. Porém, surgiram também usos de *luangu* com conotação negativa como no ditado:

Puñá pa luangu, bakoba pa makaku (Putte-de Windt e Putte 2005: 369)
(punhal para luango, banana para macaco, i.e. fazer gato e sapato de alguém, tradução nossa)

ou no enunciado seguinte anotado por um padre neerlandês em 1838:

Bestia quico bo ta carda, fer di unda bo a vini ladron, Luango! (Enunciado por Putnam numa carta aos seus pais de 14 de março de 1838, citado segundo Allen 2007: 68. Animal, o que é que você lembra, de onde você veio ladrão, luangu, tradução nossa).

Van Buurt (2001: 9) menciona que *luangu* também se usava para os escravos recém-chegados, no decorrer do tempo, no entanto, recebeu o significado de “pessoas da África”, o que demonstra o seguinte trecho de uma entrevista com um informante que nasceu em 1898:

R.A.: Di kon a yama nan 'Luangu'?
C.E.: Pasó nan no tabata hende djaki. Nan a bini di un parti di Afrika (Allen 2007: 69) (R.A.: Por que eram chamados 'Luango'? C.E.: Porque eles não eram gente daqui. Eles vieram de alguma parte da África, tradução nossa).

Há outros provérbios que demonstram que os escravos que viveram ou nasceram em Curaçao sentiam-se superior aos recém-chegados e que *luangu*, neste contexto, é usado no sentido de “boçal” na acepção de “referente a ou escravo negro recém-chegado da África [...]” (Houaiss e Villar 2001):

³⁵ Para uma história concisa de Luango cf. Dennett (1904).

Es ku bo wela luangu a siñabo awe, di mi krioyo a siñami ayera kaba (Allen 2007: 73) (O que a sua avó luangu te ensinou hoje, a minha avó crioula me ensinou ontem, tradução nossa).

Na literatura oral afro-curaçaoense, havia o gênero dos *Kuenta di Luango*, relatando observações da vida cotidiana durante a escravidão, mas também histórias fantásticas como as que contam que no caso de descontentamento com as condições de vida como escravos, os *luangu* podiam voar de volta para África, sob a condição de não terem comido sal (ver, por exemplo, Brenneker 1969: 30-31; Allen 2007: 57; 69).

Como no espanhol venezuelano (Ramos Guédez (2001: 185): “luango (s) (adj), lengua estropajosa”), *luangu* pode ser em papiamentu também relacionado à língua, ou melhor a uma maneira de falar dificilmente entendível. Segundo Latour (1935-1936: 260) a expressão *papia luango* significa “falar coisas sem sentido”.

Luango faz parte também de alguns topônimos de Curaçao, como *Poz Luango* (em Wilibordus) e *Serká Luangu* (Allen 2007: 71). Além disso, é *luangu* parte do nome de uma erva usada em práticas de *brua* (a feitiçaria baseada em crenças religiosas afro-curaçaoenses). Trata-se da erva denominada *Putá Luango*, usada para transformar uma mulher honrada em uma prostituta de rua (Brenneker 1986: 32) ou para segurar o/a amante em casa (Marugg 1992: 91).

Castro (2001: 266) menciona para o português a existência do lexema *luango* na linguagem religiosa do Candomblé como título para “Zazi que é identificado como São Pedro e equivalente de Xangô velho” (Castro 2001: 266). Como étimo a autora, porém, não indica o etnônimo *luango*, mas o quicongo *lunangu* “vento forte, forjador”.

No espanhol uruguaio *loango*, *luango* ou *loanga* são etnônimos designativos de africanos oriundos do Reino de Luango (Britos Serrat 1999: 78 confunde, porém Luango com Luanda), no espanhol venezuelano significa como mencionado anteriormente “lengua estropajosa, difícil de entender; persona que no pronuncia bien su lengua; cierto apellido” (Megenney 1999: 220; ver também Álvarez 1987: 82). Megenney (1999: 220) avança a hipótese que este significado se deve ao fato de que os escravos oriundos de Curaçao que chegaram a Venezuela falavam papiamentu que era de difícil entendimento para os venezuelanos. Como etnônimo *luango* também é documentado no espanhol cubano (Ortiz 1924: 274; García González e Valdés Acosta 1978: 43) e no palenquero (Schwegler 1996: 194; 1995: 524).

Gueni

Putte-de Windt e Putte (2005) indicam como sentido de *gueni* “guinéu” apenas a acepção designativa de uma língua falada antigamente por escravos de origem africana e seus descendentes:

Gueni: Guinees <het> (*eertijds taal gesproken door uit Africa afkomstige slaven en hun nakomelingen*) (Putte-de Windt e Putte 2005: 157) (língua falada antigamente por escravos de origem africana e seus descendentes, tradução nossa).

De fato, é esse o uso mais comum hoje em dia. O *gueni* sobreviveu até hoje em fragmentos de músicas: as *kantikas di gueni* (cantigas de gueni). Estas eram originalmente músicas cantadas durante o trabalho (ver Brenneker 1969: 101). Os capatazes, às vezes, chegaram até a proibir os escravos de cantarem em *gueni*, porque os temas principais destas canções eram: a vida como escravo, o capataz ele mesmo ou o dono dos escravos. As *kantikas di gueni* foram também cantadas em rituais e orações, por exemplo, antes do ato de cortar uma árvore antiga quando o corte da mesma era inevitável (ver Brenneker 1986: 36). Por muitos, *gueni* é simplesmente a língua dos seus ancestrais como mostra o seguinte trecho de uma entrevista:

E lenga, nos ta bisa, nos tawela ta bisa, nos tata ta bisa ta lenga di gueni. Wèl niun di nos no konosé e hendenan ku a papia e lenga ei. Nos a tende solamente ku nan tabata biba den e mundu akí promé ku nos a bin biba akí. [...] Awor nos ta kanta e kantikanan na gueni, pero e tempunan ei, nan no tabata kanta e kantikanan so, nan tabata papia gueni manera nos tá papia papiamentu awor³⁶ (Allen 2007: 70). A língua, nós dizemos, nosso avô diz, nosso pai diz, é a língua guiné. Bom, ninguém de nós conhece as pessoas que falavam esta língua. Nós ouvimos apenas dizer que eles viviam neste mundo aqui antes de nós termos vindo a viver aqui. [...]. Agora, nós cantamos as canções em guiné, mas naqueles tempos eles não somente cantavam as canções, mas também falavam guiné da mesma maneira que nós falamos papiamentu agora, tradução nossa).

Esta convicção que o *gueni* era a língua cotidiana dos escravos é também defendida por linguistas como Martinus (1990). Na sua tese de doutorado, Martinus (1996) tenta reconstruí-lo a partir de fragmentos conservados nas *kantikas di gueni*.

O significado como etnônimo, no entanto, que é origem da designação da língua, não está fora de uso (Allen 2007: 68), como mostra o trecho da entrevista anteriormente citada com um informante de 98 anos:

³⁶ Entrevista com Eduardo Tokaai, nascido em 1899, feita por Mary Rose Allen, no dia 12 de setembro de 1984, citada segundo Allen (2007: 70).

C.E.: M'a lanta konosé un señora ku tabata biba na Montaña. E tabata kabes di e labadenan di Newportuguês. E tabata yu di un gueni. Su tata tabata un gueni” (Allen 2007: 69) (Quando era jovem conheci uma mulher que vivia na montanha. Ela era a chefe das lavadoras do porto de Newportuguês. Ela era filha de um guinéu. Seu pai era um guinéu, tradução nossa).

O que demonstra este exemplo é que o falante, como observa Allen (2007: 69), usa a designação *gueni* apenas para pessoas nascidas na África e não para seus descendentes já nascidos na ilha de Curaçao.

Outro informante de Allen (2007: 70) relaciona o *gueni* como língua com a categoria de raça (usando papiamentu *rasa* no sentido de etnia).

Segundo Ortiz Oderigo (2007: 111) *hablar guineo*, *hablar en guineo* e *hablar a lo guineo* em espanhol e *fala guiné* bem como *falar guiné* em português eram colocações usuais nos séculos XVI-XVII para referir-se à linguagem afro-hispana na Espanha e afro-portuguesa em Portugal (Ortiz Oderigo 2007: 111).

Além disso, no português do Brasil, *guiné* é um substantivo feminino designativo de uma “herbácea tida como diurética e usada para afastar os maus espíritos” (Castro 2001: 245). A mesma autora considera este lexema como uma formação brasileira a partir do português *Guiné* como topônimo designativo de “toda a costa ocidental da África no século XVI” (Castro 2001: 245), o que vale também para espanhol *Guinea* (Ortiz Oderigo 2007: 111). A origem de *Guiné* é obscura, mas nenhuma das teorias discutidas (Otero 2004: 178-179) levanta uma hipótese de origem não-africana.

No português do Brasil falado em Pernambuco há também uma acepção de *guiné* designativo da *galinha-d'angola* (*Numida meleagris*) (Houaiss e Villar 2001; Castro 2001: 239), porém não restringe o uso de *galinha-de-guiné* a Pernambuco).

Macamba

Um etnônimo que é usado apenas como heteroetnônimo é *macamba*. Putte-de Windt e Putte (2005: 274) mencionam para o papiamentu contemporâneo as seguintes acepções:

Makamba (substantivo): 1 *Nederlander*, *Hollander* (*neerlandês*, *holandês*, tradução nossa)

2 (*Himantopus himantopus*) *steltkluut* (*pernilongo*, tradução nossa)

Além disso, menciona-se o *makamba marinir* (*Chaetodon capistratus*), um peixe listrado de preto e branco que vive em recifes de corais.

A etimologia de *makamba* é clara (<quicongo/quimbundo *makamba* “camarada, companheiro”; ver: Castro 2001: 268; Lopes 2003: 129; van

Buurt 2001: 9-10). Com este significado e significados próximos, a palavra existe também no espanhol uruguaio e no português do Brasil. Segundo Britos Serrat (1999: 82) o espanhol *macamba* “compañero, camarada, amigo” pertence no espanhol uruguaio à linguagem negra arcaica. Segundo Ortiz Oderigo (2007: 125) era usado em toda região do Rio da Prata pelos “ancianos afrorrioplatenses” (Ortiz Oderigo 2007: 125). No português do Brasil é usado na linguagem popular próximo à semântica do seu étimo no sentido de “camarada, companheiro, freguês” (Castro 2001: 268). O dicionário Houaiss marca *macamba* como regionalismo restringido ao Rio de Janeiro e como diacronismo com as acepções de:

- 1 nome pelo qual os escravos se chamavam uns aos outros quando pertencentes a um mesmo dono;
- 2 apelido dado pelas quitandeiras a seus fregueses e clientes;
- 3 a mulher, como é designada na seita cabula (Houaiss e Villar 2001).

Mingas (2000: 61) menciona a forma *camba* “amigo” (<quimbundo *dikamba*) (i.e. sem prefixo classificador) como empréstimo do quimbundo para o português de Luanda. No espanhol uruguaio *camba* existe na linguagem coloquial, mas com um significado diferente que Kühl de Mones (1993) define como “Persona que vive sin privaciones, gozando los placeres de su posición acomodada”. Contudo, Kühl de Mones (1993) considera *camba* como inversão silábica de *bacán*, de maneira que não vê nenhuma ligação etimológica com uma língua africana. No português do Brasil existe a forma arcaica *cambá* para designar soldados negros na guerra do Paraguai no século XIX (Castro 2001: 194). Tanto o espanhol uruguaio (Kühl de Mones 1993) quanto o português do Brasil (Castro 2001: 194) possuem a forma derivada *cambada*. No espanhol uruguaio com o significado de “conjunto o grupo de personas adineradas, de alta sociedad que viven como bacanes” (Kühl de Mones 1993). No português do Brasil houve uma extensão semântica além do traço [+humano]: “corja, agrupamento de pessoas, penca, enfiada de coisas penduradas no mesmo gancho, cordel” (Castro 2001: 194). Além destas acepções, Houaiss e Villar (2001) mencionam uma outra (marcada como brasileirismo) “grupo de pessoas com alguma característica em comum (p. ex., da mesma classe social ou família ou que têm a mesma função etc.” que se aproxima do significado no espanhol uruguaio.

Em papiamentu a semântica de *macamba* tem-se afastado muito do seu étimo. Sobre a questão se há uma relação etimológica entre as designações para o *Himantopus himantopus* e o *Chaetodon capistratus* poderíamos apenas é possível especular, razão pela qual não nos deteremos a esta questão. Não é excluído que se trate de homônimos como também parece ser o caso em português da palmeira *Hyphaene thebaica* que no português do Brasil é conhecida com os nomes de *macamba* e *macambeira* (Houaiss e

Villar 2001), bem como o termo baiano *macamba* para a raiz *Manihot esculenta* (Houaiss e Villar 2001; Castro 2001: 268).

Uma outra questão interessante é: Como uma palavra designativa de “camarada, companheiro” pode chegar a ser o heteroetnônimo designando os colonizadores e escravagistas?

Van Buurt (2001: 9) avança a hipótese de que *macamba* significava inicialmente “amigo”, “estrangeiro amigo”, “negro da África” e passou a significar “estrangeiro branco” e depois “holandês, neerlandês”. Martinus Arion (1984-1985: 339) fornece uma explicação histórica que localiza o nascimento do significado “holandês” já na Angola dos anos 40 do século XVII quando o então rei de Ngola escolheu os neerlandeses como aliados contra os portugueses.

Também aqui, sem um estudo de fontes, apenas é possível especular. O fato é que a extensão de *makamba* parece não ser restrita aos neerlandeses em geral e mais especificamente aos holandeses. Assim, relata Latour (1935-1936: 256) que com *makamba* se designa também os estrangeiros com um fenótipo parecido ao dos holandeses, mesmo sendo conhecido que se trata de suíços ou alemães. Além disso, o autor menciona que soldados americanos que fizeram escala em Curaçao eram chamados de *makamba amerikano*. Latour (1935-1936: 256) afirma que *makamba* não é injuriante ou insultuoso, porém, há construções fraseológicas com *makamba* que o são, como a designação injuriante *makamba kulu bèrdé* para os holandeses (e particularmente para os soldados oriundos deste país) que Putte-deWindt e Putte (2005: 274) marcam como antiquado e *makamba stinki* “neerlandês / holandês fedorento” que segundo os mesmos autores (Putte-deWindt e Putte 2005: 274) é um insulto intencional. Em Aruba é usada ainda a designação insultuosa *makamba kachikambito* (Putte-deWindt e Putte 2005: 274).

Há usos de *makamba* em construções fraseológicas que mostram ainda outras acepções como:

kantika makamba “canções em língua secreta ('gueni') cantadas pelos escravos na ocasião da festa de ação de graças pela safra ('seú')” (Putte-de Windt e Putte 2005: 274, tradução nossa; ver também Allen 2007: 46-47).

no ta kos di kanta makamba “isso não é nada especial” (van Buurt 2001: 10, tradução nossa).

e situashon finansiero no ta kos di canta makamba “a situação financeira não é tão boa que pudesse escrever sobre ela na carta para casa” (Putte-de Windt Putte 2005: 202, tradução nossa).

papia makamba “falar uma língua incompreensível” (van Buurt 2001: 10, tradução nossa).

Todas estas construções fraseológicas referem-se a uma língua diferente da língua vernácula e, no caso de *kanta makamba* e *kantika makamba*, à

variedade de *gueni*. Ao mesmo tempo, são estas expressões relacionadas a momentos de socialização em festas e na música. Neste aspecto de “momento social que cria um sentimento de grupo e de união” há, sim, uma relação com o significado do étimo.

Conclusão

O resultado deste levantamento que teve como objetivo averiguar quais africanismos lexicais de uma lista de africanismos em grande parte comuns ao português do Brasil e ao espanhol uruguaio também podem ser verificados no papiamentu e (como no caso do espanhol uruguaio) se pode constatar no caso de alguns destes lexemas uma ligação com o português do Brasil.

Das palavras registradas nas fontes mencionadas na “Introdução” deste volume (ver também Anexo) apenas 10 puderam ser identificados no papiamentu, três destes (*dengue*, *samba* e *tango*) podem ser considerados como internacionalismos mundiais de origem africana que existem também em muitas outras línguas nas mesmas acepções semânticas dos cognatos em papiamentu. Eventualmente pode-se acrescentar a estes internacionalismos *conga*, que é um instrumento musical introduzido em Curaçao provavelmente a partir dos contatos com Cuba.

Dos seis africanismos que remanescem um deles (*mondongo*) não é considerado como africanismo pelas obras de referência na etimologia das línguas românicas (Meyer-Lübke 1968 bem como Corominas e Pascual 1980-1991). Mesmo se há fortes argumentos contra esta visão tradicional, a questão de como o lexema chegou à península ibérica fica por ser esclarecida.

Outro africanismo da lista mencionada na “Introdução” deste volume (ver também Anexo) (*mandinga*) existe em papiamentu apenas como topônimo, mas há um adjetivo *manzinga* derivado de *mandinga*.

Constatamos convergências com o português do Brasil e com o espanhol uruguaio nos casos dos africanismos lexicais do papiamentu *bomba*, *kachimba*, *kanga*, *manzinga* e *marimba*. A convergência maior é entre o papiamentu *kachimba* e o português/ espanhol *cachimbo* que possuem o mesmo referente. Em papiamentu *marimba* possui um significado mais estrito do que no espanhol uruguaio, mas é um instrumento usado em Curaçao, mesmo podendo ser de data mais recente.

No caso do papiamentu *kanga* é interessante observar que o papiamentu conservou a classe de palavra do seu étimo (= verbo) enquanto no português do Brasil passou a ser um substantivo.

Um caso onde no papiamentu houve uma evolução tanto de classe de palavra quanto semântica é o papiamentu *manzinga*. Evoluiu de substantivo

designativo de um etnônimo para um adjetivo dimensional que caracteriza o determinado.

No caso do papiamentu *bomba* é de se constatar uma especialização para “capataz” e uma evolução para uma forma nominal de tratamento. Neste exemplo é possível verificar que os significados de *bomba* e as formas derivadas no português do Brasil, no espanhol uruguaio e no papiamentu são evoluções ou especializações a partir dos usos atestados na África por Bal (1973).

Esta evolução própria também se manifesta nos etnônimos do papiamentu *gueni* e *luango*. Interessante também é o caso do papiamentu *makamba* que passou a ser um etnônimo designativo do colonizador a partir de um substantivo designativo de uma relação pessoal de laços afetivos.

Resumindo, podemos concluir deste estudo que não se pode constar nos exemplos analisados uma ligação histórica lingüística com o Brasil. As convergências parecem, antes de tudo, ser devidas à origem comum africana. As evoluções próprias e a conservação de classes de palavras originais como no caso do papiamentu *kanga* apontam para este resultado, o que não é de se admirar, uma vez que a ligação histórica entre o Brasil e Curaçao é restrita a um dado momento histórico limitado, no início da colonização de Curaçao pela Companhia das Índias Ocidentais neerlandesa.

Referencias bibliográficas

- Academia Nacional de Letras del Uruguay (2011). *Diccionario del Español del Uruguay*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Acevedo Díaz, Eduardo (1964a [1890]). *Nativa*. Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos, 53. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social.
- Acevedo Díaz, Eduardo (1964b [1893]). *Grito de Gloria*. Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos, 54. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social.
- Acevedo Díaz, Eduardo (1965 [1914]). *Lanza y Sable*. Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos, 63. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social.
- Acevedo Díaz, Eduardo (1985 [1888]). *Ismael*. Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos, 4. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social.
- Acree, William (2009). “Jacinto Ventura de Molina. A Black *Letrado* in a White World of Letters, 1766-1841”, *Latin American Research Review* 44: 2, 37-58.
- Acree, William/ Borucki, Alex (eds.) (2008). *Jacinto Ventura de Molina y los caminos de la escritura negra en el Río de la Plata*. Montevideo: Linardi y Risso.
- Acree, William/ Borucki, Alex (eds.) (2010). *Los caminos de la escritura negra en el Río de la Plata*. Madrid: Iberoamericana/ Vervuert
- Aharonián, Coriún (2007). *Músicas populares en el Uruguay*. Montevideo: Comisión Sectorial de Educación Permanente, Universidad de la República.
- Ajayi, Ade (ed.) (2010). *História Geral da África VI: África do século XIX à década de 1880*. Brasília: Unesco.
- Akulenko, Valerij (1972). *Voprosy internacionalizacij slovarnogo sostava jazyka*. Khar'kov: Izdatel'stvo Khar'kovskogo universiteta.
- Aladrén, Gabriel (2009). “Ascensão social e inserção econômica de ex-escravos: o caso do liberto Pedro Gonçalves (Rio Grande do Sul, século XIX)”, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* <<http://nuevomundo.revues.org/56036> (15/08/2010)>
- Alencar, José de (2003 [1857]). *O demônio familiar: comédia em 4 atos*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Alencar, José de (sin fecha [1857]). *A viúvinha*. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000144.pdf> (30/03/2012)>
- Alencar, José de (sin fecha [1872]). *O til: Romance brasileiro*. 2a ed. São Paulo: Melhoramentos. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000142.pdf> (30/03/2012)>
- Alencar, José de (sin fecha [1873]). *O garatuja*. São Paulo: Formar. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000148.pdf> (30/03/2012)>
- Alencar, José de (sin fecha [1875]). *O sertanejo*. São Paulo: Melhoramentos. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000140.pdf> (30/03/2012)>

- Alexandre, Pierre (1984). "Some problems of African onomastics: topo-nymy, anthroponymy and ethnonymy", en: *Reports and papers of the meeting of experts organized by Unesco in Paris, 3-7 July 1978*. Paris: Unesco, 51-67.
- Alkmim, Tania (1996). "Linguagem de escravos: em busca de registros históricos", *Estudos Portugueses e Africanos* 28, 63-71.
- Alkmim, Tania (2001). "A variedade lingüística de negros e escravos: um tópico da história do português no Brasil", en: Mattos e Silva, Rosa Virgínia (org.). *Para a História do Português brasileiro*. Vol. II, Tomo II – Primeiros estudos. São Paulo: Humanitas FFCH/ USP, 317-335.
- Alkmim, Tania (2006). "A fala como marca: escravos nos anúncios de Gilberto Freire", *Scripta* 9: 18, 221-229.
- Alkmim, Tania (2008). "Falas e cores: um estudo sobre o português de negros e escravos no Brasil do século XIX", en: Stolze Lima, Ivana/ do Carmo Laura (orgs.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 247-264.
- Alkmim, Tania/ Álvarez López, Laura (2009). "Registros da escravidão: as falas de pretos-velhos e de Pai João", *Stockholm Review of Latin American Studies* 4, 37-48.
- Alkmim, Tania/ Petter Margarida (2008). "Palavras da África no Brasil de ontem e hoje", en: Petter, Margarida/ Fiorin, José Luiz (eds.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto, 145-178.
- Allen, Rose Mary (2007). *Di ki manera? A Social History of Afro-Curaçoaans, 1863-1917*. Proefschrift. Tesis doctoral, Universiteit Utrecht.
- Alpers, Edward (1975). *Ivory and Slaves: changing pattern of international trade in East Central Africa to the later nineteenth century*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Alpers, Edward (2005). "'Moçambiques' in Brazil: another dimension of the African Diaspora in the Atlantic World", en: Curtó, José/ Soulodre-la France, Renée (eds.). *Africa and the Americas: interconnections during the slave trade*. Lawrenceville, NJ: Africa World Press, 43-69.
- Álvarez, Alexandra (1987). *Malabí Maticulambí: estudios afrocaribeños*. Montevideo: Monte Sexto.
- Álvarez López, Laura (2004). *A língua de Camões com Iemanjá. Forma e funções da linguagem do candomblé*. Tesis doctoral, Universidad de Estocolmo.
- Álvarez López, Laura (2007). "Un breve ejemplo del mundo afrolatino: ¿así hablaban los afro-uruguayos?", *Moderna Språk* 101: 1, 73-89.
- Álvarez López, Laura (2008). "Fontes escritas como documentação do português falado por africanos e afrodescendentes no Brasil", en: Gonçalves, Carlos A./ Leitão de Almeida, Maria L. (orgs.). *Língua portuguesa: identidade, difusão e variabilidade*. Rio de Janeiro: AILP/UFRJ, 287-302.
- Álvarez López, Laura (2009). "'Canto patriótico de los negros': registro de una práctica lingüística afro-uruguaya", *Revista de la Academia Nacional de Letras* 4: 6-7, 137-166.
- Andrews, George Reid (2010a). "Afro-World: African-Diaspora Thought and Practice in Montevideo, Uruguay, 1830-2000", *The Americas* 67: 1, 83-107.
- Andrews, George Reid (2010b). *Blackness in the White Nation: A History of Afro-Uruguay*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- Andrews, George Reid (2011). *Negros en la nación blanca: historia de los afro-uruguayos, 1830-2010*. Montevideo: Linardi y Risso.
- Anignikin, Sylvain (2001). "Histoire des populations Mahi. À propos de la controverse sur l'ethnonyme et le toponyme 'Mahi'", *Cahier d'Études africaines* 162: XL1-2, 243-265.

- Apprill, Christophe (2011). “L”entre-deux “argentin” du tango”, en: Di Tullio, Ángela/ Kailuweit, Rolf (eds.). *El español rioplatense: lengua, literatura, expresiones culturales*. Madrid/ Frankfurt am Main: Iberoamericana/ Vervuert, 285-303.
- Aulestia, Gorka (1989). *Basque – English Dictionary*. Reno; Las Vegas: University of Nevada Press.
- Ayestarán, Lauro (1953). *La música en el Uruguay*. Montevideo: SODRE.
- Ayestarán, Lauro (1985 [1967]). *El folklore musical uruguayo*. Montevideo: Arca.
- Ayliff, John (1846). *The Kafir Language*. London: Sold at the Wesleyan Mission-House, Bishopsgate-Street-Within.
- Azevedo, Aluisio (1997 [1890]). *O cortiço*. São Paulo: Ática. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf> (30/03/2012)>
- Azevedo, Artur (1998 [1897]). *A capital federal*. São Paulo: Ediouro. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000041.pdf> (30/03/2012)>
- Azevedo, Milton (2003). *Vozes em branco e preto*. São Paulo: Edusp.
- Azkue, Resurrección María de (1906). *Diccionario vasco – español – francés; Dictionnaire basque – espagnol – français*. 2 vols. Bilbao: Ed. da autora; Paris Geuthner.
- Babušytė, Diana (2009). “Was ist ein Europäismus? Sprachwissenschaftliche Aspekte seiner Definition”, *Kalba ir Kontekstai* 3: 1, 23-31.
- Bailly, Anatole (2000 [1894]). *Dictionnaire grec – français*. Paris: Hachette.
- Baist, Gottfried (1881). “Etimologisches”, *Zeitschrift für Romanische Philologie* 5, 233-249.
- Bal, Willy (1979). *Afro-romanica studia*. Albufeira: Poseidon.
- Balint-Zanchetta, Jaqueline (2011). “Los galicismos en las letras de tango: representación y simbolismo de algunas voces de origen francés”, en: Di Tullio, Ángela/ Kailuweit, Rolf (eds.). *El español rioplatense: lengua, literatura, expresiones culturales*. Madrid/ Frankfurt am Main: Iberoamericana/ Vervuert, 257-284.
- Barbosa, Rui (1956 [1889]). *Obras Seletas: Diário de Notícias*. Vol. 6. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000086.pdf> (30/03/2012)>
- Barrios Pintos, Aníbal (1996). “Historias privadas de la esclavitud: un proceso criminal en tiempo de la Cisplatina”, en: Barrán, José Pedro/ Caetano, Gerardo/ Porzecanski, Teresa (eds.). *Historias de la vida privada en el Uruguay*. Montevideo: Taurus, 173-195.
- Bartens, Angela (1995). *Die iberoromanisch-basierten Kreolsprachen*. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Battaglia, Salvatore (1978). *Grande Dizionario Della Lingua Italiana*. Tomo X MEE-MOTI. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinese (UTET).
- Beaurepaire-Rohan, Visconde de (1956 [1889]). *Dicionário de vocábulos brasileiros*. Salvador: Livraria Progresso.
- Becco, Horacio Jorge (1953). *Negros y morenos en el cancionero rioplatense*. Buenos Aires: Sociedad Argentina de Americanistas.
- Bentancur, Arturo/ Aparicio, Fernando (2006). *Amos y esclavos en el Río de la Plata*. Montevideo: Planeta.
- Beraza, Agustín (1968). “Amos y esclavos”, *Enciclopedia Uruguaya* 9, 162-179.
- Bermúdez, Washington P./ Bermúdez, Sergio W. (s/d ca. 1890 – 1947, inédito). *Lenguaje del Río de la Plata*. Consultado en la Academia Nacional de Letras.
- Bertin, Enildece (2009). “Construindo novas identidades: a emancipação dos africanos livres”, ponencia en el *40 Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meri-*

- dional, 13-15 de mayo de 2009. <<http://www.labhstc.ufsc.br/ivencontro/pdfs/comunicacoes/EnidelceBertin.pdf> (06/06/2010)>
- Bertolotti, Virginia (2010). “Notas sobre el *che*”, *Lexis* 34: 1, 57-93.
- Berute, Gabriel Santos (2006). *Dos escravos que partem para os portos do Sul: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790-c. 1825*. Tesis de maestría, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Blanchard, Peter (2002). “The Language of Liberation: Slaves Voices in the Wars of Independence”, *Hispanic American Historical Review* 82: 3, 499-523.
- Blanchard, Peter (2008). *Under the flags of freedom. Slave soldiers and the Wars of independence in Spanish South America*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- Blanker, J.C.M./ Dubbeldam, Jaap (2010 [2005]). *Prisma woordenboek Sranantongo; Prisma wortubuku fu Sranantongo; Sranantongo – Nederlands; Nederlands – Sranantongo*. 6a. ed. Houten: Unieboek/ Antwerpen: Het Spektrum.
- Bluteau, Raphael (1712-1728). *Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* 8 vols. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. <<http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/1> (2011-2012)>
- Bonvini, Emilio (2002) “Palavras de origem africana no português do Brasil: do empréstimo à integração”, en: Nunes, José/ Petter, Margarida (orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas – FFLCH/USP, 147-162.
- Bonvini, Emilio (2008). “Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil”, en: Petter, Margarida/Fiorin, José (orgs.). *África no Brasil – a formação da língua portuguesa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 101-144.
- Borba, Francisco da Silva (2004). *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática.
- Borucki, Alex (2006). “Entre el aporte a la identidad nacional y la reivindicación de las minorías. Apuntes sobre los Afrodescendientes y la esclavitud en la historiografía uruguaya”, *História Unisinos* 10: 3, 310-320.
- Borucki, Alex (2009). *Abolicionismo y tráfico de esclavos en Montevideo tras la fundación republicana, 1829-1853*. Montevideo: Biblioteca Nacional.
- Borucki, Alex (2011). *From Shipmates to Soldiers: Emerging Black Identities in Montevideo, 1770-1850*. Tesis doctoral, Emory University.
- Borucki, Alex/ Chagas, Carla/ Stalla, Natalia (2009 [2004]). *Esclavitud y trabajo. Un estudio sobre los afrodescendientes en la frontera uruguaya 1835-1855*. Montevideo: Mastergraf.
- Borucki, Alex/ Chagas, Karla/ Stalla, Natalia (2005). “Debates y problemas sobre los estudios recientes en torno a la esclavitud en el Río de la Plata (1750-1850)”, en: *Segundas Jornadas de Historia Regional Comparada*. Porto Alegre: Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [CD-ROM].
- Borucki, Alex/ Chagas, Karla/ Stalla, Natalia. (2004). *Esclavitud y Trabajo. Un estudio sobre los afrodescendientes en la frontera uruguaya, 1835-1855*. Montevideo: Pulmón.
- Bottaro, Marcelino (2002 [1934]). “Rituals and ‘Candombes’”, en: Cunard, Nancy (ed.). *Negro: an anthology*. New York/ London: Continuum, 317-320.
- Bouton, Roberto (2009 [1961]). *La vida rural en el Uruguay*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental/ Ediciones Biblioteca Nacional.
- Boyce, William (1844). *A Grammar of the Kafir Language*. Second ed. augmented with vocabulary and exercises by William J. Davis. London: printed for the Wesleyan Missionary Society.

- Brenneker, Paul (1969). *Sambumbu I: volkskunde van Curaçao, Aruba en Bonaire*. Curaçao: Ed. del autor.
- Brenneker, Paul (1986). *Brua*. Curaçao: Ed. del autor (Zjozjoli; 2).
- Britos Serrat, Alberto (1990). *Antología de poetas negros uruguayos*. Tomo I-II. Montevideo: Ediciones Mundo Afro.
- Britos Serrat, Alberto (1999). *Glosario de Afronegrismos Uruguayos*. Montevideo: Ediciones Mundo Afro/ El Galeón.
- Bromley, Yulian (1984). *Theoretical ethnography*. Moscow: Nauka.
- Bucheli, Marisa/ Cabella, Wanda. (2007). *El perfil demográfico y socioeconómico de la población uruguaya según su ascendencia racial*. Montevideo: Instituto Nacional de Estadística (Informe temático).
- Bueno, Silveira (1954). “Influências das línguas africanas no português do Brasil”, *Jornal de Filologia* 2: 3, 217-231.
- Buurt, Gerard van (2001). “Afrikaanse woorden in het Papiamentu: lijst versie 25/6/2001”, *Kristòf* 11: 3, 1-24.
- Cabrera, Susana (2001). *Las esclavas del Rincón*. Montevideo: Fin de Siglo.
- Cáceres, Juan Carlos (2010). *Tango negro. La historia negada: orígenes, desarrollo y actualidad del tango*. Buenos Aires: Planeta.
- Caetano, Gerardo/ Rilla, José (2005). *Historia Contemporánea del Uruguay*. Montevideo: CLAEH-Fin de Siglo.
- Caminha, Adolfo (sin fecha [1895]). *O bom crioulo*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional Departamento Nacional do Livro. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000052.pdf> (30/03/2012)>
- Campagna, Ernesto (1989). “La población esclava en ciudades puertos del Río de la Plata: estructura y dinámica demográfica en Montevideo (1750-1830)”, en: *Historia e População: estudos sobre a América Latina*. São Paulo: Centro de Estudos de Demografia Histórica da América Latina, 218-225.
- Campira, Rosalba (1988). “Relaciones intertextuales en el sistema culto/popular: poesía y tango”, *Hispanamérica* 17, 19-32.
- Carámbula, Rubén (1952). *Negro y Tambor. Poemas, pregones, danzas y leyendas sobre motivos del folklore afro-rioplatense*. Montevideo: Editorial Folklórica Americana.
- Carvalho-Neto, Paulo de (1965). *El negro uruguayo (hasta La abolición)*. Quito: Editorial universitária.
- Castro, Yeda Pessoa de (1968). “Etnônimos africanos e formas ocorrentes no Brasil”, *Afro-Ásia* 6-7, 63-81.
- Castro, Yeda Pessoa de (2001). *Falares africanos na Bahia. Um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks.
- Castro, Yeda Pessoa de (2008). “Towards a comparative approach of Bantuisms in Iberoamerica”, en: Phaf-Rheinberger, Ineke/ Pinto, Tiago de Oliveira (eds.). *AfricAmericas: itineraries, dialogues, and sounds*. Madrid/ Frankfurt: Iberoamericana/ Vervuert, 79-90.
- Chagas, Karla/ Montaña, Oscar/ Stalla, Natalia (2007). *Culturas Afrouruguayas*. Montevideo: Comisión del Patrimonio Cultural de la Nación.
- Chagas, Karla/ Stalla, Natalia (2009). *Recuperando la memoria. Afrodescendientes en la frontera uruguayo-brasileña a mediados del siglo XX*. Montevideo: Mastergraf.
- Chalhoub, Sidney (2012). *A força da escravidão. Ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Chambers, Douglas (2001). “Ethnicity in the Diaspora: The slave-trade and the creation of African ‘nations’ in the Americas”, *Slavery and Abolition* 22: 3, 25-39.

- Chatelain, Héli (1893). "Geographic names of Angola, West Africa", *Journal of the American Geographical Society of New York* 25, 304-312.
- Chatelain, Héli (sin fecha [1888-89]). *Grammatica Elementar Do Kimbundu Ou Lingua De Angola (1889)*. Genebra: Typ. De Charles Schuchardt.
- Childs, Gladwyn (1960). "The peoples of Angola in the seventeenth century according to Cadornega", *The Journal of African History* 1: 2, 271-279.
- Childs, Gladwyn (1964). "The Kingdom of Wambu (Huambo): A tentative chronology", *The Journal of African History* 5: 3, 367-379.
- Childs, Gladwyn (1970). "The Chronology of the Ovimbundu Kingdoms", *The Journal of African History* 11: 2, 241-248.
- Childs, Tucker (2003). *An introduction to African languages*. Amsterdam/ Philadelphia, PA: John Benjamins.
- Chrétien, Jean-Pierre/ Prunier, Gérard (dir.) (1989). *Les ethnies ont une histoire*. Paris: Karthala.
- Coll, Magdalena (2010). *El habla de los esclavos africanos y sus descendientes en Montevideo en los siglos XVIII y XIX: representación y realidad*. Montevideo: Academia Nacional de Letras.
- Coll, Magdalena (2011). "Las formas de tratamiento nominales usadas por y para la población de origen africano en Montevideo en los siglos XVIII y XIX", en: Lopes, Célia Regina dos Santos/ Rebollo Couto, Leticia (orgs.). *As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 173-213.
- Corominas, Joan (1954-1957). *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. 4 vols. Berna: Francke.
- Corominas, Joan (1983-1991). *Diccionari etimològic i complementari de la llengua catalana*. 9 vols. Barcelona: Curial Edicions Catalans/ Caixa de Pensions "La Caixa".
- Corominas, Joan/ Pascual, José (1980-1991). *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. 6 vols. Madrid: Gredos.
- Correa, Elias Alexandre da Silva (1937 [1782]). *História de Angola*. Vols. I-II. Lisboa: Editorial Ática.
- Cunha, Euclides da (sin fecha [1901]). *Os sertões: campanha de Canudos*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do Livro. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000153.pdf>> (30/03/2012)>
- Davies, Mark/ Ferreira, Michael (2006-). *Corpus do Português* (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX). <<http://www.corpusdoportugues.org>> (2011-2012)>
- Delamarre, Xavier (2003). *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental*. 2a ed. Paris: Errance.
- de María, Isidoro (1957 [1887-1895]). *Montevideo Antiguo: tradiciones y recuerdos*. 2 Tomos. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social.
- Demasi, Carlos (1997). "Familia y Esclavitud en el Montevideo del Siglo XVIII", en: Behares Luis/ Cures, Oribe. *Sociedad y Cultura en el Montevideo Colonial*. Montevideo: FHCE-IMM, 55-70.
- Demorizi, Emilio (1983). *Del vocabulário dominicano*. Santo Domingo: Taller.
- Dennett, R. E. (1904). "A few notes on the history of Luango (Nothern coast of Congo Coast)", *Journal of the Royal African Society* 3: 11, 277-280.
- Diagne, Pathé (1984). "Introduction to the discussion of ethnonyms and toponyms", en: *African ethnonyms and toponyms. Reports and papers of the meeting of experts organized by Unesco in Paris, 3-7 July 1978*. Paris: Unesco, 11-17.
- Díaz de Guerra, María (1983). *Documentación relativa a esclavos en el Departamento de Maldonado, siglos XVIII y XIX*. Montevideo: IMCO.

- Diccionario integral del español de la Argentina* (2010). Redacción y supervisión lexicográfica de María Laura Rodríguez. Buenos Aires: Tinta Fresca.
- DicUR (sin fecha). Base de datos para la elaboración del *Diccionario del español del Uruguay*. Material inédito, Academia Nacional de Letras del Uruguay.
- Diggs, Irene (1951). "The Negro in the Viceroyalty of the Rio de la Plata", *The Journal of Negro History* 36: 3, 281-301.
- Dijkhoff, Mario (2002). *Palabra di antaño*. Oranjestad, Aruba: UNOCA.
- Elizaincín, Adolfo (2003). "Sobre la lexicografía como ejercicio intelectual. El caso de Washington y Sergio Bermúdez y su *Lenguaje del Río de la Plata*", en: Company Company, Concepción (ed.). *El español en América. Diatopía, diacronía e historiografía. Homenaje a José G. Moreno de Alba*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 547-559.
- Encyclopædia Britannica* (2012). *Encyclopædia Britannica Online Academic Edition*. Encyclopædia Britannica Inc., 2012. Web. <<http://www04.sub.su.se:2424/EBchecked/topic/309532/Kaffraria> (20/01/2012)>
- Endruschat, Annette/ Schmidt-Radefeldt, Jürgen (2008). *Einführung in die portugiesische Sprachwissenschaft*. 2a. ed. Tübingen: Narr.
- Equipo interdisciplinario de rescate de la memoria de Ansina (1996). *Ansina me llaman, Ansina soy...* Montevideo: Rosebud.
- Feixó Cid, Xosé (ed.) (1986). *Diccionario da língua galega*. 3 vols. Vigo: Ir Indo.
- Fernández Guerra, Amparo (2009). *El "otro" lejano y próximo. Recorrido por la lexicografía uruguaya a partir de la comparación de definiciones en diccionarios uruguayos éditos e inéditos (Siglos XIX y XX)*. Trabajo monográfico. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad de la República. <http://www.historiadelaslenguasenuruguay.edu.uy/?page_id=88 (30/03/2012)>
- Ferreira, Luis (2003). *El Movimiento Negro en Uruguay (1988-1998)*. Montevideo: Ediciones Étnicas.
- Ferrés, Carlos (1944). *Época colonial. La administración de justicia en Montevideo*. Montevideo: Barreiro.
- Florentino, Manolo (2010). *Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVII e XIX)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Florentino, Manolo/ Vieira Ribeiro, Alexandre/ Domingues da Silva, Daniel (2004). "Aspectos comparativos do tráfico de africanos para o Brasil (séculos XVIII e XIX)", *Afro-Ásia* 31, 83-126.
- Fodor, István (1983). *Introduction to the history of Umbundu: L. Magyar's records (1859) and the later sources*. Budapest: Akadémiai Kiadó.
- Fontanella de Weinberg, María Beatriz (1987). "Variedades lingüísticas usadas por la población negra rioplatense", *Anuario de Lingüística Hispánica* 3, 55-66.
- Frega, Ana (2004). "Caminos de libertad en tiempos de revolución. Los esclavos en la Provincia Oriental Artiguista, 1815-1820", en: Bentancur, Arturo/ Borucki, Alex/ Frega, Ana (comps.). *Estudios sobre la cultura afro-rioplatense*. Montevideo: FHCE, 45-66.
- Frega, Ana/ Chagas, Carla/ Montaña, Óscar/ Stalla, Natalia (2008). "Breve historia de los afrodescendientes en el Uruguay", en: Scuro Somma, Lucía (coord.). *Población afrodescendiente y desigualdades étnico-raciales en Uruguay*. Montevideo: PNUD, 5-102.
- Freire, Gilberto (1963). *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: Imprensa Universitária.
- Fundashon di Planifikashon di Idioma (2009). *Ortografia i lista di palabra: Papiamentu*. Kòrsou: Fundashon di Planifikashon di Idioma.

- Gallardo, Jorge (1999). *Un testimonio sobre la esclavitud en Montevideo. La memoria de Lino Suárez Peña*. Buenos Aires: Idea Viva.
- Gansemans, Jos (1989). *Volksmuziekinstrumenten: getuigen en resultaat van een intertnische samenleving: een organologische studie met betrekking tot Aruba, Bonaire en Curaçao*. Tervuren: Koninklijk Museum voor Midden-Afrika.
- García González, José/ Valdés Acosta, Gema (1978). “Restos de lenguas bantues en la Región Central de Cuba”, *Islas* 59, 3-50.
- Geler, Lea/ Guzmán, Florencia (coords.) (2011). *Actas de las Segundas Jornadas de Estudios Afrolatinoamericanos del GEALA*. Buenos Aires: Editorial Mnemosyne [Publicación Multimedia CD].
- Gobello, José (1997). *Letras de tango. Selección 1890-1981*. Edición, prólogo y glosario de José Gobello. 2a ed. Buenos Aires: Nuevo Siglo.
- Gobello, José/ Payet, Luciano (1959). *Breve diccionario lunfardo*. Buenos Aires: A. Pena Lillo.
- Goldman, Gustavo (1997). *¡Salve Baltasar! La fiesta de reyes en el Barrio Sur de Montevideo*. Montevideo: FONAM.
- Goldman, Gustavo (2003). *Candombe, ¡Salve Baltasar! La fiesta de Reyes en el Barrio Sur de Montevideo*. Montevideo: Perro Andaluz.
- Goldman, Gustavo (2008). *Lucamba: herencia africana en el tango, 1870-1890*. Montevideo: Perro Andaluz.
- Gomes, Flávio (2010a). “Africans and petit marronage in Rio de Janeiro, ca. 1800–1840”, *Luso-Brazilian Review* 47: 2, 74-99.
- Gomes, Flávio (2010b). “Agassiz e as ‘raças puras’ africanas na cidade atlântica”, en: Huver, Sasha/ Machado, Maria Helena P.T. (orgs.). *Rastros e Raças de Louis Agassiz: Fotografia, corpo e ciência*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 54-71.
- Goodman, Morris (1987). “The Portuguese element in the American creoles”, en: Gilbert, Glen G. (ed.). *Pidgin and Creole Languages: essays in memory of John E. Reinecke*. Honolulu: University of Hawaii Press, 361-403.
- Gortázar, Alejandro (2003). “Del aullido a la escritura. Voces negras en el imaginario nacional”, en: Achugar, Hugo (coord.). *Derechos de memoria. Nación e independencia en América Latina*. Montevideo: FHCE, 189-263.
- Gortázar, Alejandro (2005). “Miradas cruzadas, Apuntes sobre los discursos del aporte africano en Uruguay (1925–1945)”, en: Bentancur, Arturo/ Borucki, Alex/ Frega, Ana (comps.). *Estudios sobre la cultura afro-rioplatense*. Montevideo: FHCE, 64-72.
- Gortázar, Alejandro (2007). *El licenciado negro: Jacinto Ventura de Molina*. Montevideo: Trilce.
- Gortázar, Alejandro (ed.) (2008). *Jacinto Ventura de Molina. Antología de Manuscritos (1817-1837)*. Montevideo: FHCE-CSIC.
- Granada, Daniel (1957 [1889]). *Vocabulario rioplatense razonado*. Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos, 25-26. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social.
- Granda, Germán de (1971). “Onomástica y procedencia africana de esclavos negros en las minas Del sur de la gobernación de Popayán siglo XVIII”, *Revista española de antropología americana* 6, 381-422.
- Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* [en línea]. <<http://houaiss.uol.com.br> (2011-2012)>
- Grant, Anthony (2008). “A constructivist approach to the early history of papiamentu”, en: Faraclas, Nicolas/ Severing, Ronnie/ Weijer, Christa (eds.). *Linguistic studies on Papiamentu*. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma, 73-112.

- Grinberg, Keila (2009). "Slavery, manumission and the law in nineteenth-century Brazil: reflexions on the law of 1831 and the 'principle of liberty' on the southern frontier of the Brazilian Empire", *European Review of History* 16: 3, 401-411.
- Guanche, Jesús (2011 [2009]). *Africanía y etnicidad en Cuba*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales.
- Guarnieri, Juan Carlos (1970). *Diccionario del lenguaje rioplatense*. Montevideo: DISA.
- Guimarães, Bernardo (sin fecha [1871]). "Uma história de quilombolas", en: Guimarães, Bernardo. *Lendas e romances*. Rio de Janeiro/ Paris: H. Garnier, 1-142.
- Haensch, Günther/ Werner, Reinhold (2000): *Diccionario del Español de Argentina: Español de Argentina – Español de España*. Madrid: Gredos.
- Hall, Gwendolyn (2003). "African ethnicities and the meanings of 'Mina'", en: Lovejoy, Paul/ Trotman, David (eds.). *Trans-Atlantic dimension of ethnicity in the African diaspora*. London/ New York: Continuum, 65-81.
- Hall, Gwendolyn (2005). "Cruzando o Atlântico: etnias africanas nas Américas", *Topoi* 6: 10, 29-70.
- Handler, Jerome (1994). "Determining African birth from skeletal remains: a note on tooth mutilation", *Historical Archaeology* 28: 3, 113-119.
- Heintze, Beatrix (1972). "Historical Notes on the Kisama of Angola", *The Journal of African History* 13: 3, 407-418.
- Heintze, Beatrix (1985). *Fontes para a história de Angola do século XVII*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag Wiestestraten GMBH.
- Hesseling, Dirk (1905). *Het Negerhollands der Deense Antillen: bijdrage tot de geschiedenis der Nederlandse Taal in Amerika*. Leiden: A. W. Sijthoff.
- Heywood, Linda (2001). "Portuguese into African: The Eighteenth-Century Central African Background to Atlantic Creole Cultures", en: Heywood, Linda (ed.). *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Cambridge: Cambridge University Press, 91-114.
- Heywood, Linda/ Thornton, John (2010). *Central Africans, Atlantic Creoles, and the Foundation of the Americas, 1585-1660*. New York: Cambridge University Press.
- Hoetink, Hermannus (1969). *Encyclopedie van de Nederlandse Antillen*. Amsterdam; Brussel: Elsevier.
- Houaiss, Antonio/ Villar, Mauro de Salles (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Houaiss, Antônio/ Villar, Mauro de Salles (coaut.) (2004). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Hoyer, Willem .M. (1943 [1918]). *Woordenlijst en samenspraak Hollandsch – Papiamentsch – Spaansch*. 4a. ed. Willemstad: Sluyter.
- Hrbek, Ivan (1978). "A list of African ethnonyms", en: *African ethnonyms and toponyms. Reports and papers of the meeting of experts organized by Unesco in Paris, 3-7 July 1978*. Paris: Unesco, 141-186.
- Ibáñez, Roberto (1985). "Prólogo", en: Acevedo Díaz, Eduardo. *Ismael*. Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos, 4. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, VII-LXV.
- Isola, Ema (1975). *La esclavitud en el Uruguay desde sus comienzos hasta su extinción (1743-1852)*. Montevideo: Publicación de la Comisión Nacional de Homenaje del Sesquicentenario de los Hechos Históricos de 1825.
- Jadford, Roseline (1997). *Kréòl: guide pratique de conversation en créole guyanais avec un mini-dictionnaire de 3000 mots*. Kourou: Ibis Rouge.

- Jiménez, Asdrúbal (1951). *Bocas del Quebracho*. Montevideo: Ediciones Ciudadela.
- Johnen, Thomas (en prensa). “*Bakoba pa makaku*: Sobre a problemática dos africanismos na lexicografia do papiamentu: comparações com o português do Brasil e o espanhol uruguaio”, en: Alkmim, Tânia/ Avelar, Juanito/ Borba, Lilian do Rocio (eds.). *Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)*.
- Johnston, Harry (1921). “The Fulas and Their Language”, *Journal of the Royal African Society* 20, 212-216.
- Jong, Jan Petrus De Josseling (1926). *Het huidige Negerhollands: teksten en woordenlijst*. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam.
- Joubert, Sidney (1999). *Dikshonario Papiamentu – Hulandes; Handwoordenboek Papiaments – Nederlands*. 2a ed. Willemstad: Fundashon di Leksikografia.
- Kandame, Néstor (2006). *Colección de anuncios sobre esclavos: Desde el comienzo del Montevideo de la Guerra Grande, en 1839, hasta la abolición "parcial" de la esclavitud, el 12 de diciembre de 1842*. Montevideo.
- Karasch, Mary (1987). *Slave life in Rio de Janeiro, 1808-1850*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.
- Kay, Stephen (1834). *Travels and Researches in Caffraria Describing the character, customs, and moral condition of the tribes inhabiting that portion of Southern Africa with historical and topographical remarks with historical and topographical remarks illustrative of the state and prospects of the British settlement in its borders, the introduction of Christianity, and the progress of civilization*. New York: Harper and brothers.
- Kiddy, Elisabeth (2001). “Who Is the King of Congo? A New Look at African and Afro-Brazilian Kings in Brazil”, en: Heywood, Linda (ed.). *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Cambridge: Cambridge University Press, 153-182.
- Kolwa, Andrea (2003). “Zur Geschichte der Internationalismen-Forschung”, en: Braun, Peter/ Schaefer, Burkhard/ Volmert, Johannes (eds.). *Internationalismen II: Studien zur interlingualen Lexikologie und Lexikographie*. Tübingen: Niemeyer, 13-21.
- Kramer, Johannes (1999). “De origine elementisque linguae Creolae qua incolae insularum Batavarum in mari Caraibico sitarum utuntur”, en: Große, Sybille/ Schönberger, Axel (eds.). *Dulce et decorum est philologiam colere: Festschrift für Dietrich Briesemeister zu seinem 65. Geburtstag*. Vol. 2. Berlin: Domus Editoria Europea, 989-1000.
- Krüger, Fritz (1925). *Gegenstandskultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete: Ein Beitrag zur spanischen und portugiesischen Volkskunde*. Hamburg: Friederichsen.
- Krüger, Fritz (1927). “Die nordwestiberische Volkskultur”, *Wörter und Sachen* 10, 45-137.
- Kühl de Mones, Ursula (coord.) (1993). *Nuevo diccionario de uruguayismos*. Santa-fé de Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.
- Lagmanovich, David (2004). “Poesía y música en el tango argentino”, en: Heinen, Valérie/ Grunwald, Susanne/ Hammerschmidt, Claudia/ Nilsson, Gunnar (coords.) *Pasajes= Passages=Passagen: homenaje a Christian Wentzlaff-Eggebert*. Sevilla: Universität zu Köln/ Universidad de Sevilla/ Universidad de Cádiz, 519-526.
- Laguada Trías, Rolando (1969) “Afronegrismos rioplatenses”. *Separata del Boletín de la Real Academia Española*. Tomo XLIX, Cuaderno CLXXXVI, 27-116.
- Lang, Jürgen (ed.) (2002). *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde) com equivalentes de tradução em alemão e português; Wörterbuch des Kreols*

- der Insel Santiago (Kapverde) in portugiesischer Sprache, mit deutschen und portugiesischen Übersetzungsäquivalenten.* Tübingen: Narr.
- Lara, Silvia Hunold (2007). “Linguagem, domínio senhorial e identidade étnica nas Minas Gerais de meados do século XVIII”, en: Bastos, Cristiana/ Almeida, Miguel Vale de/ Feldman-Bianco, Bela (orgs.). *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Campinas: Editora da Unicamp, 221-241.
- Latour, M. D. (1935-1936). “Oorsprong en betekenis van het woord *macamba*”, *West-Indische Gids* 17, 256-260.
- Law, Robin (2005). “Ethnicities of enslaved Africans in the Diaspora: on the meanings of ‘Mina’ (again)”, *History in Africa* 32, 247-267.
- Laytano, Dante de (1936a). *Os africanismos do dialeto gaúcho*. Separata da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do rio Grande do Sul*.
- Laytano, Dante de (1936b). *Os africanismos do dialeto gaúcho: extraído do livro inédito: Negros sul-riograndenses*. Porto Alegre: Globo.
- Lenz, Rodolfo (1928). *El papiamento: la lengua criolla de Curazao; la gramática mas sencilla*. Santiago de Chile: Barcells & Co.
- Lipski, John (1994). “El español afroperuano: eslabón entre África y América”, *Anuario de Lingüística Hispánica* 10, 281-315.
- Lipski, John (1998a). “Panorama del lenguaje afrorioplatense: vías de evolución fonética”, *Anuario de Lingüística Hispánica* 14, 179-216.
- Lipski, John (1998b). “Perspectivas sobre el español *bozal*”, en: Perl, Matthias/ Schwegler, Armin (eds.). *África negra. Panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Frankfurt am Main/ Madrid: Vervuert/ Iberoamericana, 293-328.
- Lira, Luciano (1981). *El Parnaso Oriental o Guirlanda Poética de la República Uruguay*. Tomo I. Reimpresión facsimilar. Montevideo: Biblioteca Artigas.
- Lockhart, Washington (1986). “La esclavitud en Soriano”, *Hoy es Historia* III: 17.
- Lohse, Rusell (2002). “Slave-trade nomenclature and African ethnicities in the Americas: evidence from early eighteenth-century Costa Rica”, *Slavery and Abolition* 23: 3, 73-92.
- Lopes, Nei (2003). *Novo dicionário banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Pallas.
- López Blanquet, Marina (1992). *Uruguayismos*. Montevideo: Monteverde.
- Lusakalalu, Pedro (2001). “Language and glossonymic units: contribution to the assessment of the linguistic diversity of Angola and Namibia”, *Afrikanistische Arbeitspapiere* 66, 47-65.
- Löpelmann, Martin (1968). *Etymologisches Wörterbuch der baskischen Sprache: Dialekte von Labourd, Nieder-Navarra und La Soule*, 2 vols. Berlin: de Gruyter.
- Macedo Soares, Antônio J. de (1954-1955 [1875-1888]). *Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*. 2 vols. Rio de Janeiro: MEC/INL.
- Macedo, Joaquim Manuel de (sin fecha [1869]). *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. Fundação Biblioteca Nacional. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000124.pdf> (30/03/2012)>
- Machado de Assis, Joaquim Maria (2007 [1864]). “Virginus”, en: Duarte, Eduardo de Assis (org.). *Machado de Assis afro-descendente: escritos de caramujo, (antologia)*. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Crisálida/ Pallas.
- Machado de Assis, Joaquim Maria (sin fecha [1881]). *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Fundação Biblioteca Nacional. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000167.pdf> (30/03/2012)>

- Machado, Juanpedro (2004). "Transformaciones del discurso de los afro-uruguayos", en: Bentancur, Arturo/ Borucki, Alex/ Frega, Ana (comps.). *Estudios sobre la cultura afro-rioplatense*. Montevideo: FHCE, 85-95.
- Maduro, Antoine (1953). *Ensayo pa yega na un ortografia uniforme pa nos papiamentu*. Curaçao: M.S.L. Maduro.
- Maduro, Antoine (1973). *Algún anotashon mas tokante nos lenga i outro asuntonan*. Kòrsou: s/d.
- Maho, Jouni (2001). "Bantu area: (towards clearing up) a mess", *Africa & Asia* 1, 40-49.
- Maho, Jouni (2009). "The online version of the New Updated Guthrie List, a referential classification of the Bantu languages" <<http://goto.glocalnet.net/mahopapers/nuglonline.pdf> (26/01/2012)>
- Maia, Antônio da Silva (1961). *Dicionário complementar português – kimbundu – kikongo: línguas nativas do centro e do norte de Angola*. Luanda: Editorial Missões-Cucujães.
- Mamigonian, Beatriz (2004). "África no Brasil: mapa de uma área em expansão", *Topoi* 5: 9, 33-53.
- Manessy, Gabriel (1997). "Langues et nations", en: Hazaël-Massieux, Marie Christine/ Robillard, Didier (eds.). *Contacts de langues, contacts de cultures, créolisation*. Paris: L'Harmattan, 111-125.
- Mann, Robert James (1867). "The Kaffir Race of Natal", *Transactions of the Ethnological Society of London* 5, 277-297.
- Martinez Montero, Horacio (1940). "La Esclavitud en el Uruguay", *Revista Nacional*, 32: I, 261-273.
- Martinez Montero, Horacio (1941a). "La Esclavitud en el Uruguay", *Revista Nacional*, 41: II, 221-267.
- Martinez Montero, Horacio (1941b). "La Esclavitud en el Uruguay", *Revista Nacional*, 45: III, 396-425.
- Martinez Montero, Horacio (1942). "La Esclavitud en el Uruguay", *Revista Nacional*, 57: IV, 403-428.
- Martinus [Arion], Frank (1990). "Papiamentu: the road to emancipation", en: Fodor, István/ Hagège, Claude (eds.). *Language Refrom: History and Future; La réformes des langues: histoire et avenir; Sprachreform: Geschichte und Zukunft*, Vol. V. Hamburg: Buske, 127-149.
- Martinus [Arion], Frank (1996). *The kiss of a slave: Papiamentu's West-african connection*. Tesis doctoral. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam.
- Martinus Arion, Frank (1984-1985). "The Guene Kriole of the Netherlands Antilles: its theoretical and practical consequences for better understanding Papiamentu and other Portuguese-based creoles", *Anales del Caribe* 4-5, 335-385.
- Marugg, Tip (1992). *Un prinsipio pa un dikshonario eròtiko papiamentu*. Kòrsou: Scherpenheuvel.
- Megenney, William (1999). *Aspectos del lenguaje afronegroide en Venezuela*. Frankfurt/ Madrid: Vervuert/ Iberoamericana.
- Mello, Evaldo Cabral (2010). *O Brasil holandês (1630-1654)*. São Paulo: Penguin Classics.
- Mendonça, Renato (1973 [1933]). *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Meo Zilio, Giovanni (1963). "Genovesismos en el español rioplatense", *Nueva revista de filología hispánica* 17: 3-4, 245-263.
- Meyer-Lübke, Wilhelm (1968). *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. 4a. ed. Heidelberg: Winter.

- Miller, Joseph (1976). *Kings and Kinsmen: Early Mbundu States in Angola*. Oxford: Clarendon Press.
- Miller, Joseph (1988). *Way of Death: merchant capitalism and the Angolan Slave Trade 1730-1830*. Madison: The University of Wisconsin Press.
- Miller, Joseph (2001). "Central Africa During the Era of the Slave Trade, c. 1490s-1850s", en: Heywood, Linda (ed.). *Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*. Cambridge: Cambridge University Press, 21-70.
- Mingas, Amélia (2000). *Interferência do kimbundo no português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras.
- Moliner, María (1991). *Diccionario de uso del español*. 2 vols. Madrid: Gredos.
- Monegal, José (1966). *Cuentos*. Montevideo: Librería Blundi.
- Monegal, José (1978). *El Tropero Macabro y otros cuentos*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Montaño, Oscar (1995). "Breve reseña del aporte africano en la formación de la población uruguaya", en: Martínez Montiel, Luz (ed.). *Presencia africana en Sudamérica*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 391-441.
- Montaño, Oscar (1997). *Umkhonto. Historia del aporte negro-africano en la formación del Uruguay*. Montevideo: Rosebud.
- Montaño, Oscar (2001). *Yeninyanya (Umkonto II). Historia de los afrouruguayos*, Montevideo: Mundo Afro.
- Montaño, Oscar (2008a). *Historia Afro-Uruguaya*. Tomo 1. Montevideo: IMPO.
- Montaño, Oscar (2008b). *Historia Afrouruguaya*. Tomo I. 2a ed. Montevideo: Mastergraf.
- Montecúccolo, João Antônio Cavazzi de (1965). *Descrição história dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Tradução, notas e índices pelo Graciano Maria de Leguzzano, introdução biobibliográfica por F. Leite de Faria. 2 vols. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.
- Moraes Silva, Antonio (1813 [1789]). *Diccionario da lingua portugueza*. Recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina. <<http://www.brasiliana.usp.br/dicionario/edicao/2> (2011-2012)>
- Moreira, Zenóbia Collares (2005). *Dicionário da língua portuguesa arcaica*. Natal: Editora da UFRN.
- Novo Dicionário Aurélio* (2009). Versão 6.0. Dicionário eletrônico. 4a ed. Curitiba: Editora Positivo.
- Obaldía, José María (2001). *El habla del pago*. Montevideo: Banda Oriental.
- Oliveira, Maria Inês Côrtes de (1997). "Quem eram os 'negros da Guiné'? A origem dos africanos na Bahia", *Afro-Ásia* 19-20, 37-73.
- Olivera, Tomás/ Varese, Juan (2000). *Los candombes de Reyes. Las llamadas*. Montevideo: El Galeón.
- O'Neill, Henry (1882). "On the Coast Lands and Some Rivers and Ports of Mozambique", *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography* 4:10, 595-605.
- Oro, Ari Pedro (2002). "Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente", *Estudos Afro-Asiáticos* 24: 2, 345-384.
- Ortiz Oderigo, Néstor (2007). *Diccionario de africanismos en el castellano del Río de la Plata*. Caseros: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero.
- Ortiz, Fernando (1924). *Glosario de afronegrismos*. Habana: El Siglo XX.
- Ortiz, Fernando (1990 [1924]). *Glosario de afronegrismos*. La Habana: Pensamiento Cubano.

- O'Shanahan, Alfonso (1995). *Gran diccionario del habla canaria*. S/I: Centro de la Cultura Popular Canaria.
- Osório, Helen (2005). "Fronteira, escravidão e pecuária: Rio Grande do Sul no período colonial", en: *Segundas jornadas de História regional comparada*. Porto Alegre: PUCRS, 1-16.
- Otero, Edgardo (2004). *El origen de los nombres de los países del mundo (y de muchas islas que éstos poseen)*. 3a ed. Buenos Aires: De Los Cuatro Vientos.
- Paixão Cortes, J.C. (1987). *Folclore gaúcho: festas, bailes, música e religiosidade rural*. Porto Alegre: CEE/Corag.
- Palermo, Eduardo (2005). "Vecindad, frontera y esclavitud en el norte uruguayo y sur de Brasil", en: *Memorias del simposio 'La Ruta del Esclavo en el Río de la Plata: su historia y sus consecuencias'*. Montevideo: UNESCO, 90-113.
- Parés, Luis Nicolau (2006). *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Parkvall, Mikael (2000). *Out of Africa: African influences in Atlantic Creoles*. London: Battlebridge.
- Parkvall, Mikael (en prensa). *Afrolex: African lexical influences in Creoles and transplanted European languages*. London: Battlebridge.
- Patrocínio, José de (sin fecha [1877]). *Mota coqueiro ou pena de morte*. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000167.pdf> (30/03/2012)>
- Pelfort, Jorge (1996). *Abolición de la esclavitud en el Uruguay*. Montevideo: De la Plaza.
- Pereda Valdés, Ildefonso (1937). *El negro rioplatense y otros ensayos*. Montevideo: Claudio García & cía.
- Pereda Valdés, Ildefonso (1938). *Línea de color*. Santiago de Chile: Ercilla.
- Pereda Valdés, Ildefonso (1941). *Negros esclavos y negros libres. Esquema de una sociedad esclavista y aporte del negro en nuestra formación nacional*. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública.
- Pereda Valdés, Ildefonso (1965). *El negro en el Uruguay. Pasado y Presente*. *Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay* XXV.
- Pereira, Edimilson de Almeida/ Gomes, Núbia Pereira de Magalhães (2003). *Ouro Preto da Palavra*. Narrativas de preceito do Congado de Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora PUC Minas.
- Perl, Matthias/ Schwegler Armin (eds.) (1998). *América negra. Panorámica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas*. Madrid/ Frankfurt am Main: Iberoamericana/ Vervuert.
- Pessi, Bruno Stelmach (coord.) (2010). *Documentos da escravidão: inventários: o escravo deixado como herança*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de artes gráficas.
- Petit Muñoz, Eugenio/ Narancio, Edmundo/ Traibel Nelcis, José (1947). *La condición jurídica, social, económica y política de los negros durante el coloniaje en la Banda Oriental*. Montevideo: Talleres Gráf. 33.
- Petter, Margarida Taddoni (2011). "A presença de línguas africanas na América Latina", *Linguística* 26, 78-96.
- Pinto, Edite Pimentel (1978). *O português do Brasil: textos críticos e teóricos, I (1820/1920)*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Livros Técnicos e Científicos/ Editora da Universidade de São Paulo.
- Pinto, Luiz Maria da Silva (1832). *Diccionario da Lingua Brasileira*. Por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva.
- Porta, Eliseo Salvador (1953). *Con la raíz al sol*. Montevideo: Asir.

- Porto Alegre, Apolinário (sin fecha [1872]). *O vaqueano*. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000037.pdf> (30/03/2012)>
- Porzecanski, Teresa/ Santos, Beatriz (1994). *Historias de vida: Negros en el Uruguay*. Montevideo: Ediciones Populares para América Latina.
- Postma, Johannes Menne (2008 [1990]). *The Dutch in the Atlantic Slave Trade 1600-1815*. Cambridge/ New York: Cambridge University Press.
- Putte, Florimon van (2003). “Dede pikiña, de Braziliaanse connectie en de yaya”, *Kristòf* 12:4, 34-41.
- Putte, Florimon van/ Putte-de Windt, Igma van (2006). *Dikshonario Hulandes-Papiamentu; Groot woordenboek Nederlands-Papiaments*. Zutphen: Walburg Pers.
- Putte-de Windt, Igma/ Putte, Florimon van (2005). *Dikshonario Papiamentu – Hulandes; Woordenboek Papiaments – Nederlands*. Zutphen: Walburg Pers.
- Rach, Gerold (1984). *Lista di deskripshon di enfermedat: anamneselijst*. Leiden: Stichting Antillaanse Medische Studenten.
- Raimundo, Jacques (1933). *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença Editora.
- Rama, Carlos (1967). *Los Afro-uruguayos*. Montevideo: El Siglo Ilustrado.
- Rama, Carlos (1970). “The passing of the Afro-Uruguayans from Caste Society into Class Society”, en: Mörner, Magnus (ed.). *Race and Class in Latin America*. New York: Columbia University Press, 28-50.
- Ramos Guédez, José Marcial (2001). *Contribución a la historia de las culturas negras en Venezuela colonial*. Caracas: Instituto Municipal de Publicaciones – Alcaldía de Caracas.
- Real Academia Española (2001). *Diccionario de lengua española* [en línea]. 22ª ed. Madrid: Real Academia Española. <<http://www.rae.es> (2011-2012)>
- Real Academia Española. (NTLL) [en línea]. Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española. <<http://www.rae.es> (2011-2012)>
- Real Academia Española. Banco de datos (CORDE) [en línea]. Corpus diacrónico del español. <<http://www.rae.es> (2011-2012)>
- Real Academia Española. Banco de datos (CREA) [en línea]. Corpus de referencia del español actual. <<http://www.rae.es> (2011-2012)>
- Reali, Laura (1999). *La Voz de los Historiadores. Aníbal Barrios Pintos*. Montevideo: Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación.
- Reis, João José/ Mamigonian Beatriz (2004). “Nagô and Mina: The Yoruba Diaspora in Brazil”, en: Falola, Toyin/ Childs, Matt (eds.). *The Yoruba Diaspora in the Atlantic World*. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 77-110.
- Ribeiro, Ana (1991). *Historia e historiadores nacionales (1940-1990). Del ensayo sociológico a la historia de las mentalidades*. Montevideo: Ediciones de la Plaza.
- Ribeiro, Julio (1999 [1888]). *A Carne*. São Paulo: Martin Claret. <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000148.pdf> (30/03/2012)>
- Richard, Renaud (ed.) (1997). *Diccionario de Hispanoamericanismos no recogidos por la Real Academia: formas, homónimos, polisémicas y otras derivaciones morfosemánticas*. Madrid: Cátedra.
- Rodney, Walter (1969). “Upper Guinea and the significance of the origins of Africans enslaved in the New World”, *The Journal of Negro History* 54: 4, 327-345.
- Rodríguez Monegal, Emir (1964a). “Prólogo”, en: Acevedo Díaz, Eduardo. *Nativa*. Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos, 53. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, VII-XLVIII.

- Rodríguez Monegal, Emir (1964b). "Prólogo", en: Acevedo Díaz, Eduardo. *Grito de Gloria*. Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos, 54. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, VII-XXXIX.
- Rodríguez Monegal, Emir (1965). "Prólogo", en: Acevedo Díaz, Eduardo. *Lanza y Sable*. Biblioteca Artigas, Colección de Clásicos Uruguayos, 63. Montevideo: Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, VII-XLIV.
- Rodríguez, Adolfo Enrique [en línea]. *Diccionario lunfardo. Lexicón*. <<http://www.todotango.com/spanish/biblioteca/lexicon/intro.asp> (10/06/2012)>
- Rodríguez, Romero Jorge (2003). *Racismo y derechos humanos en Uruguay*. Montevideo: Ediciones Étnicas.
- Rodríguez, Romero Jorge (2006) *Mbundo. Malungo a mundele. Historia del movimiento afrouruguayo y sus alternativas de desarrollo*. Montevideo: Rosebud.
- Romano, Eduardo (1983). *Sobre poesía popular argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.
- Rosalía, Rene Vincente (1997). *Reprashon di kultura: e lucha di tambú*. Kòrsou: Instituto Stripan.
- Rosell, Avenir (1978). "El 'diccionario' de los Bermúdez", *Boletín de la Academia Nacional de Letras*, Segunda época VI, 13-38.
- Rossi, Vicente (2001 [1926]). *Cosas de negros*. Buenos Aires: Taurus.
- Rougé, Jean-Louis (2004). *Dictionnaire étymologique des créoles portugais d'Afrique*. Paris: Karthala.
- Ruiz, Rosa (1993). "El aporte de la Cultura Negra en el Departamento de Cerro Largo", *Hoy es Historia* X: 55.
- Sala de Tourón, Lucía/ De La Torre, Nelson/ Rodríguez, Juan (1968). *Estructura económico-social de la colonia*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos.
- Santamaria, Francisco (1942). *Diccionario general de americanismos*. 3 vols. Méjico: Pedro Robredo.
- Santos Morillo, Antonio (2010). *¿Quién te lo vezó a decir? El habla de negro en la literatura del XVI, imitación de una realidad lingüística*. Tomo I-II. Tesis doctoral, Universidad de Sevilla.
- Saraiva, Francisco de San Luiz (1966 [1886]). *Glossario de vocabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a arabe*. Amsterdam: Oriental Press.
- Sasturain, Juan (1997). "Homero Expósito: el letrista del cuarenta", en: Benarós, León/ Martini Real, Juan Carlos/ Manuel Pampín (dirs.). *La historia del tango. Los poetas (3)*. Volumen 19. Buenos Aires: Corregidor, 3710-3757.
- Schaeder, Burkhard (2003). "Neuerlicher Versuch einer theoretischen und methodischen Grundlegung der Internationalismen-Forschung", en: Braun, Peter/ Schaeder, Burkhard/ Volmert, Johannes (eds.). *Internationalismen II: Studien zur interlingualen Lexikologie und Lexikographie*. Tübingen: Niemeyer, 71-107.
- Schávelzon, Daniel (2003). *Buenos Aires negra*. Buenos Aires: Emecé.
- Scherer, Jovani de Souza (2008). *Experiências de busca da liberdade: alforria e comunidade africana em Rio Grande*. Tesis de Maestría, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Schmitt-Brandt, Robert (1998). *Einführung in die Indogermanistik*. Tübingen; Basel: Francke.
- Schwegler, Armin (1996). "*Chi ma kongo*": *lengua y rito ancestrales en El Palenque de San Basilio (Colombia)*. 2 vols. Frankfurt am Main: Vervuert/ Madrid: Iberoamericana.
- Scuro, Lucía (coord.) (2008). *Población afrodescendiente y desigualdades étnico-raciales en Uruguay*. Montevideo: PNUD.

- Segovia, Lisandro (1911). *Diccionario de argentinismos, neologismos y barbarismos, con un apéndice sobre voces extranjeras interesantes*. Buenos Aires: Imprenta Coni Hermanos.
- Sela, Eneida Maria Mercadante (2008). *Modos de ser, modos de ver*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Serebrenick, Salomão (1964). “Apêndice sobre a História dos Judeus no Brasil”, en: Roth, Cecil. *Pequena história do povo judeu, 1492-1962*. Vol. 3. São Paulo: Fundação Fritz Pinkuss/ Congregação Israelita Paulista, 283-313.
- Serra, Joaquim (1872). *A capangada: paródia muito séria*. Rio de Janeiro: Typografia da Reforma.
- Silva Neto, Serafim (1963 [1950]). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: INL/MEC.
- Silveira, Renato da (2008). “Nação Africana no Brasil escravista: problemas teóricos e metodológicos”, *Afro-Ásia* 38, 245-301.
- Skutnabb-Kangas, Tove (2000). *Linguistic genocide in education – or worldwide diversity and human rights?* Mahwah, New Jersey: Erlbaum.
- Slenes, Robert (1995). “Malungu, Ngoma Vem!: África Encoberta e Descoberta no Brasil”, *Cadernos do Museu da Escravatura* 1, 1-24.
- Soares, Mariza de Carvalho (2004). “From Gbe to Yoruba: Ethnic change and the Mina nation in Rio de Janeiro”, en: Falola, Toyin/ Childs Matt D. (eds.). *The Yoruba Diaspora in the Atlantic World*. Bloomington/ Indianapolis: Indiana University Press, 231-247.
- Sopena, Ramon (ed.) (1998). *Americanismos: diccionario ilustrado*. Barcelona: Ramon Sopena.
- Suárez Peña, Lino (1933). *La raza negra en el Uruguay. Novela histórica de su paso por la esclavitud*. Montevideo: Moderna.
- Sutton, John (1979). “Towards a Less Orthodox History of Hausaland”, *The Journal of African History* 20: 2, 179-201.
- Taunay, Visconde de (1991 [1872]). *Inocência*. São Paulo: Ática. <<http://www.dominionpublico.gov.br/download/texto/bv00303a.pdf> (30/03/2012)>
- Tavares, Joaquim F. Santos/ Corbeil, Jean-Claude/ Archambault, Ariane (1999). *Dicionário visual Verbo: português – francês – inglês*. 2a. ed. Lisboa: Verbo.
- Tejera, María J. (1983-1993). *Diccionario de venezolanismos*. 3 vols. Caracas: Academia Venezolana de La Lengua/ Universidad Central de Venezuela.
- Thornton, John (1998 [1992]). *African and Africans in the making of the Atlantic World*. 2a ed. aumentada. New York: Cambridge University Press.
- Tourneux, Henry/ Barbotin (1990). *Dictionnaire pratique du créole de Guadeloupe (Marie-Galante) suivi d'un index français – créole*. Paris: Karthala; A.C.C.T.
- Triana y Antorveza, Humberto (2001). *Léxico documentado para la historia del negro en América (siglos XV a XIX)*. Tomo II: A-C. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo.
- UNESCO (2005). *Memorias del Simposio La ruta del esclavo en el Río de la Plata: su historia y sus consecuencias*. Montevideo: UNESCO.
- Varsi de López, Brenda (1967). *Lenguaje fronterizo en obras de autores uruguayos. Eliseo Salvador Porta (Artigas), Agustín Ramón Bisio (Rivera), José Monegal (Cerro Largo)*. Montevideo: Nordan Comunidad.
- Vedder, Paul/ Koock Hetty (2001). “Papiamentu”, en: Extra, Ruus/ Ruiters, Jan Jaap de (eds.). *Babylon aan de Noordzee: nieuwe talen en Nederland*. Amsterdam: Bulaaq, 175-191.
- Vidart, Daniel (2007 [1967]). *El Tango y su mundo*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.

- Vilarino, Idea (1965). *Las letras de tango. La forma, temas y motivos*. Buenos Aires: Editorial Schapire.
- Vilarino, Idea (1997). “El tango cantado”, *Texto Crítico* 3: 6, 37-48.
- Villar, Mauro de Salles (1989). *Dicionário contrastivo-luso-brasileiro: alguns lusismos, brasileirismos, regionalismos, expressões idiomáticas, ortografias, ortoépias, particularidades gramaticais, regenciais, fonêmicas, toponímia e outras particularidades confrontados ou explicados*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Vink, Wieke (2010). *Creole Jews: Negotiating community in colonial Suriname*. Leiden: KITLV Press.
- Visca, Arturo Sergio (2001a). “Eduardo Acevedo Díaz”, en: Oreggioni, Alberto (dir.). *Nuevo Diccionario de Literatura Uruguaya*. Tomo I. Montevideo: Banda Oriental, 11-14.
- Visca, Arturo Sergio (2001b) “Ildefonso Pereda Valdés”, en: Oreggioni, Alberto (dir.). *Nuevo Diccionario de Literatura Uruguaya*. Tomo II. Montevideo: Banda Oriental, 141-143.
- Vocabulário sul-rio-grandense* (1964 [1852, 1898, 1926, 1935]). (Reúne quatro obras em um único dicionário de vocábulos rio-grandenses). Rio de Janeiro/Porto Alegre/ São Paulo: Editora Globo.
- Voyages Database* (2009). *Voyages: The Trans-Atlantic Slave Trade Database*. <<http://www.slavevoyages.org> (10/02/2012)>
- Wartburg, Walther von (1971 [1946]). *Évolution et structure de la langue française*. 10a ed. Berne: Francke.
- Weiszflog, Walter (ed.) (2006). *Michaelis: moderno dicionário inglês; inglês – português; português – inglês*. 2a ed. São Paulo Melhoramentos.
- Williams, John Hoyt (1987). “Observations on Blacks and Bondage in Uruguay, 1800-1836”, *The Americas* 43: 4, 411-427.
- Witkowski, Teodolius (1995). “Probleme der Terminologie”, en: Eichler, Ernst/ Burkhardt, Armin/ Ungeheuer, Gerold/ Wiegand, Herbert Ernst/ Steger, Hugo/ Brinker, Klaus (eds.). *Namenforschung: ein internationales Handbuch zur Onomastik*. Berlin/ New York: de Gruyter, 288-294.
- Wood, Richard (1974). “Pan-Caribbean Lexicon”, *American Speech* 49: 1/2, 137-142.
- Wright, Donald (1999). “‘What do you mean there were no tribes in Africa?’: Thoughts on boundaries – and related matters – in precolonial Africa”, *History in Africa* 26, 409-426.
- Zgusta, Ladislav (1996). “Names and their studies”, en: Eichler, Ernst/ Burkhardt, Armin/ Ungeheuer, Gerold/ Wiegand, Herbert Ernst/ Steger, Hugo/ Brinker, Klaus (eds.). *Namenforschung: ein internationales Handbuch zur Onomastik*. Berlin/ New York: de Gruyter, 1876-1890.
- Zubillaga, Carlos (2002). *Historia e Historiadores en el Uruguay del Siglo XIX*. Montevideo: Librería de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación.
- Zum Felde, Alberto (1941). *Proceso intelectual del Uruguay*. Montevideo: Claridad.



Una historia sin fronteras: léxico de origen africano en Uruguay y Brasil

editado por

Laura Álvarez López y Magdalena Coll

This volume was made possible thanks to financial support provided by STINT (The Swedish Foundation for International Cooperation in research and Higher Education).

Una historia sin fronteras:
léxico de origen africano en Uruguay y Brasil
editado por Laura Álvarez López y Magdalena Coll

©The authors and Acta Universitatis Stockholmiensis 2012

ISSN 0557-2657

ISBN 978-91-86071-97-4

Front picture: © Arotxa

Printed in Sweden by US-AB, Stockholm 2012

Distributor: Stockholm University Library

Contenido

Introducción.....	7
Laura Álvarez López , Magdalena Coll, Tania Alkmim	
1. Uruguay, Historia y Afrodescendientes: apuntes tras una larga invisibilidad.....	13
Alex Borucki	
2. Lubolos, mandingas y otros “nombres de nación” de origen africano en Montevideo y Rio Grande do Sul.....	35
Laura Álvarez López	
3. Léxico de origen africano en el portugués de Brasil y en el español del Uruguay: historias de encuentros y desencuentros.....	71
Tania Alkmim, Lilian do Rocio Borba, Magdalena Coll	
4. Presencia de vocablos de origen africano en <i>El lenguaje del Río de la Plata</i>	97
Amparo Fernández Guerra	
5. Palabras de origen africano y representaciones literarias de afrodescendientes en las novelas históricas de Eduardo Acevedo Díaz.....	119
Alejandra Rivero	
6. Las letras de tango: evidencia de una sociedad multilingüe....	141
Virginia Bertolotti	
7. <i>Bomba, kanga, makamba</i> e outros africanismos lexicais no papiamentu: comparações com o português do Brasil e o espanhol uruguaio.....	161
Thomas Johnen	
Referências bibliográficas.....	189
Anexo: africanismos de Pereda Valdés (1937, 1965) y Laguarda Trías (1969).....	207